

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

TAMIRES PRESTES DE MATOS TUCHTENHAGEM

**A VOZ DAS MARGENS: A AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES NA POESIA SLAM**

Porto Alegre  
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**TAMIRES PRESTES DE MATOS TUCHTENHAGEM**

**A VOZ DAS MARGENS: A AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES NA POESIA SLAM**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras, como requisito parcial para obtenção do grau de mestra em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Kralik Angelini

Porto Alegre  
2023

## Ficha Catalográfica

T888v Tuchtenhagem, Tamires Prestes de Matos

A voz das margens : A afirmação das identidades na poesia slam  
/ Tamires Prestes de Matos Tuchtenhagem. – 2023.

91 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em  
Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Ricardo Kralik Angelini.

1. Poesia Slam. 2. Afirmação das identidades. 3. Ocupação de  
espaços. I. Angelini, Paulo Ricardo Kralik. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001” (“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”).

## **RESUMO**

Esta pesquisa teve como objetivo refletir acerca da afirmação das identidades na Poesia Slam. No primeiro capítulo conto a história dos coletivos precursores do Slam do Brasil, analisando textos recitados nos primeiros eventos realizados. No segundo capítulo, discorro sobre a forma como o Slam se tornou uma cultura de rua, pensando sobre os lugares de fala e escuta criados por esse movimento. No terceiro e último capítulo, analiso poemas que afirmam as identidades feminina e negra em campeonatos de poesia falada no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia Slam. Afirmação das identidades. Ocupação de espaços.

## **RESUMEN**

Esta investigación tuvo como objetivo reflexionar sobre la afirmación de las identidades en la Poesía Slam. En el primer capítulo cuento la historia de los colectivos precursores del Slam de Brasil, analizando textos recitados en los primeros eventos realizados. En el segundo capítulo, hablo sobre cómo Slam se convirtió en una cultura callejera, pensando en los lugares de habla y escucha creados por ese movimiento. En el tercer y último capítulo, analizo poemas que afirman las identidades femenina y negra en campeonatos de poesía hablada en Brasil.

**PALABRAS-CLAVE:** Poesía Slam. Afirmación de las identidades. Ocupación de espacios.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
<b>1. A POÉTICA DAS PERIFERIAS .....</b>	<b>10</b>
<b>2. IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS.....</b>	<b>30</b>
<b>3. A VOZ DAS MARGENS E A AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADE.....</b>	<b>53</b>
<b>3.1 Silêncio! As Minas querem falar.....</b>	<b>54</b>
<b>3.2 A revelação das identidades através da quebra da máscara de Anastácia.....</b>	<b>69</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>85</b>

## INTRODUÇÃO



Imagem feita pelo fotógrafo Matheus Pé, no evento Fotos dos *Pretes da Pucrs*, em novembro de 2022.

O corpo: instrumento poético e político na roda de slam. O corpo, que sente e transmite aquilo que escreve. Não que seja possível transferir toda a lírica escrita nas entrelinhas do cenário criado no acontecimento da poesia slam, a energia cósmica que habita em cada poema declamado, na voz do poeta, na expressão da plateia.

O slam não vive apenas nos campeonatos, vive a cada vez que o poeta pega a caneta e o papel. A cada vida, transformada pela poesia, o slam vive. A cada autoestima de um preto periférico que é restaurada, vive. Quando a periferia ocupa espaços levando poesia, o slam vive. Quando o slam é reconhecido como objeto de estudo legítimo nas universidades, ele vive e a periferia resiste através de sua arte. O que é a poesia slam? Uma arte? Um movimento poético? Um jogo?

Em minha vida, o slam é agente transformador, o instrumento através do qual encontrei autoestima intelectual, representatividade, voz e escuta. A Poesia Slam foi, para mim, um grande motivador para retornar à academia após 7 anos. Desenvolvo assim o presente estudo, que não apenas reflete sobre uma literatura feita PARA e

PELOS minorizados, mas que, além disso, carrega um pouco do meu percurso de vida como mulher negra, periférica e mãe; e também da trajetória acadêmica que construí a partir do legado daquelas que lutaram antes de mim, para que hoje eu e outras mulheres negras das periferias possamos ocupar as universidades com esta arte que vem das ruas e margens brasileiras.

É através da perspectiva desse movimento performático, de poesias vivenciadas, do espaço referente à reflexiva escuta, do lugar onde ecoam vozes insurgentes, dessa dança descadenciada, dessa brincadeira que aborda temáticas sérias, bem como do encontro de afetividades e experiências compartilhadas, que abordarei nessa pesquisa o universo da Poesia Slam no Brasil. Mostrarei brevemente, visto que a história da Poesia Slam é extensa e complexa, os principais pioneiros do Slam em diversos estados brasileiros, através da análise de trechos poéticos apresentados em campeonatos de poesia falada, que ocorrem do Norte ao Sul do Brasil. Análises que partem da multiplicidade de escritas e contextos vividos pelos poetas, assim como identidades reafirmadas dentro de cada competição de slam.

Na presente pesquisa, serão abordados, ainda, os atravessamentos de gênero, raça, espaços e classe dos coletivos de slams pioneiros do Brasil. A história da Poesia Slam no Brasil se mistura com diversos relatos de pessoas que se tornaram empoderadas através da poesia e de comunidades despertadas por meio da poesia falada. A Poesia Slam, durante 15 anos na história do Brasil, esteve presente em diversos movimentos e reivindicações por direitos das massas.

Esta dissertação, portanto, tem o objetivo geral de refletir as diferentes identidades reafirmadas nas competições de poesia falada. Para isso, busco analisar textos recitados nas principais organizações de Slams do Brasil, a partir de bases bibliográficas de pensadores como Stuart Hall, Simone de Beauvoir, Grada Kilomba, Bell hooks, Silvio de Almeida e outros. Além disso, foram realizadas entrevistas, via redes sociais como Instagram e WhatsApp, com idealizadores dos principais e pioneiros do movimento no Brasil. Assim, esta dissertação é dividida em três partes. No primeiro capítulo trago um aparato geral sobre o início da literatura oral, com as histórias passadas de geração em geração; ainda nesta primeira parte, trago o olhar de Octávio Paz sobre a poesia como um ato revolucionário; além disso, começo a contar sobre o início da Poesia Slam nos anos 80 em Chicago até chegar ao Brasil em 2008, por meio das pesquisas de Roberta Estrela D'alva, explicando as características e regras do movimento. Neste mesmo capítulo, conto a história dos

primeiros coletivos de Slam do Brasil, analisando textos recitados nos primeiros eventos realizados.

No segundo capítulo, discorro sobre a forma como o Slam se tornou uma cultura de rua, pensando sobre os lugares de fala e escuta criados pela Poesia Slam, através da ocupação de espaços; ressaltando o caráter político que esse movimento passa a ter, por ascender juntamente em um momento de fortes manifestações políticas no país.

No terceiro capítulo, discorro sobre os olhares de Beauvoir e Kilomba a respeito do conceito de outridade. Além disso, neste capítulo analiso poemas que expressam de forma contundente as identidades feminina e negra.

O que pretendo mostrar nas próximas páginas será uma viagem no tempo, que transcorrerá os anos 80, quando Mark Kelly Smith era a personificação do Poetry Slam, em Chicago, até a década de 2010, momento em que a Poesia Slam se torna maior do que seu criador, transformando-se em um movimento de rua feito pelas periferias do Brasil.

Vamos começar! “Ouvidos atentos, cronômetro valendo. “Um, dois, três... SLAM!” (ROMÃO, 2022)

## 1. A POÉTICA DAS PERIFERIAS

Os registros existentes atualmente a respeito das narrativas da antiguidade são decorrentes da cultura da oralidade. Tais histórias eram propagadas através da contação de histórias entre as gerações. Nasce então, por meio da escritura da voz nas declamações, nas cantigas, nos contos populares, a literatura oral.

Se por um lado o acesso à escrita sempre foi restrito aos que possuíam o poder, a oralidade rompe com o sistema e atinge a margem; é “a voz do povo” (PAZ, 1982, p.21). A literatura oral atualmente ainda sofre uma desvalorização na sociedade, principalmente no mundo acadêmico. Para muitos intelectuais, um texto sem escritura tem pouco valor perante os textos documentados. A leitura do livro promove mais autoridade do que quando o poeta recita (ZUMTHOR, 1993). Mesmo assim, a oralidade tem conquistado espaços na contemporaneidade com a ascensão da Poesia Slam.

Para Octavio Paz,

o que distingue nossa modernidade das modernidades de outras épocas não é a celebração do novo e surpreendente, embora isso também conte, mas o fato de ser uma ruptura: crítica do passado imediato, interrupção da continuidade. A arte moderna não é apenas um filho da idade crítica, mas também é uma crítica de si mesma” (2013, p. 17).

O movimento do slam vai ao encontro da ideia de modernidade pensada por Octavio Paz, porque rompe com a visão conservadora do que é literatura; ultrapassa os limites dos padrões acadêmicos; quebra barreiras; ocupa espaços e se faz ouvir mesmo por quem não reconhece os próprios privilégios; cria novas regras (PAZ, 1982); é poesia revolucionária por natureza (PAZ, 1982); “é um método de libertação interior” (PAZ, 1982, p. 23); e abre espaços para alvos do epistemicídio.

Por tudo isso, o slam assume, ainda mais, um caráter transgressor. De acordo com a autora Sueli Carneiro (2005, p. 97), os lugares periféricos “foram anulados, desqualificados, subjugados e sofreram um processo persistente de produção da indigência cultural”. Atualmente, ainda há resistência acadêmica referente à cultura periférica. Concepções de conhecimento, cultura e ciência estão inerentemente relacionadas ao domínio racial (KILOMBA, 2019). O que é reconhecido como conhecimento ou não, em geral, está associado à sociedade a que esses saberes pertencem. O ambiente acadêmico não é imparcial, é um universo branco, onde a palavra é negada a pessoas negras (KILOMBA, 2019).

Na década de 60, o conceito de cultura era homogêneo, ou seja, só se aplicava aos cânones (BORDINI, p. 11). Na contemporaneidade, isso ainda dificulta para a aceitação das obras de autores periféricos como conteúdo literário e cultural, pois existem grupos conservadores que invalidam a literatura marginal-periférica. Este fato corrobora a ideia de que cultura envolve poder, assim o que é ou não literatura e o que deve ou não subir no pedestal das universidades sempre foi ditado por grupos hegemônicos (JOHNSON, 2004), contribuindo para a criação de mecanismos de deslegitimação associados a grupos minorizados, como produtores de conhecimento e o rebaixamento de suas capacidades cognitivas (CARNEIRO, 2005).

As primeiras batalhas de Slam ocorreram em 1986 em Chicago, nos Estados Unidos, dentro de “um bar situado na vizinhança de classe trabalhadora branca” (D’ALVA, 2011, p. 120). Foi o operário da construção civil, o poeta Mark Kelly Smith, juntamente com o grupo Chicago Poetry Ensemble, que deu inícios às batalhas de poesia (D’ALVA, 2011). Em pouco tempo, a prática do Slam atingiu outros lugares dos Estados Unidos, posteriormente a Europa, em países como França e Alemanha e, depois, o Brasil (D’ALVA, 2011). Smith organizava noites de performances poéticas, com o objetivo de popularizar a poesia falada, contrariamente aos restritos círculos acadêmicos (D’ALVA, 2011).

O que ocorre em um Slam assemelha-se aos saraus, porém com algumas regras simples. Segundo a atriz e poeta Roberta Estrela D’Alva (2014, p. 113), responsável pela inserção do Slam no Brasil, “os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-los, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical”.

Estrela D’Alva, em parceria com o Núcleo Bartolomeu de Depoimento, montou o primeiro coletivo do Brasil, o *Slam ZAP!*. Sobre o movimento do Slam, Estrela D’Alva (2014, p. 109) ressalta: “é difícil defini-lo de maneira tão simplificada visto que em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico, que se expande progressivamente, sendo celebrado em comunidades em todo o mundo”.

O Poetry Slam consiste em uma arte criada em Chicago, nos Estados Unidos, que, conforme o documentário *Voz de Levante* (2017), teve início em 1984, no Green Mill Jazz Club, bar situado na vizinhança de classe trabalhadora branca (D’ALVA, p. 120, 2011). Trata-se de uma competição de poesia falada, em que poetas recitam textos próprios em seguida julgados pela plateia.

Herdeira da vasta tradição de poesia falada que já existia nos Estados Unidos - dos *readings* dos poetas beatniks; do *spoken words* de poetas negros, como Gil Scott-Heron, que já gravavam seus LPs bem antes da existência dos MC's; da poesia de Langston Hughes com suas emulações dos ritmos do jazz; e, segundo alguns críticos, do projeto de Walt Whitman de alcançar o grande público através da poesia - e influenciada pelo surgimento da *performance art* dos anos 1960, a *slam poetry* (em alguns lugares dos Estados Unidos, especialmente em Nova Iorque) associou-se à cultura hip-hop e, como prática cultural diaspórica, espalhou-se pelo mundo (FREITAS, p. 98, 2017).

Esse movimento pode ser definido de diversas formas: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, um lugar onde questões atuais são debatidas, ou até mesmo um entretenimento. (D'ALVA, 2011). Para Roberta Estrela D'Alva, é difícil definir o slam de maneira simples, pois é uma atividade que se tornou, não apenas um acontecimento poético, mas um movimento social, cultural e artístico, que é celebrado mundialmente por mais de duas décadas. (D'ALVA, Roberta Estrela. 2011).

O operário da construção civil e poeta Mark Kelly Smith, juntamente com o grupo Chicago Poetry Ensemble, deu inícios às batalhas de poesia (D'ALVA, 2011), com o objetivo de popularizar a poesia falada, contrariamente aos restritos círculos acadêmicos (D'ALVA, 2011).

Mark conheceu a poesia quando estava na faculdade, através de sua primeira esposa. Na época, ele estudava os poetas clássicos e, observando os temas abordados nestes textos, percebeu que eram temas abstratos que exaltavam uma sociedade rica e luxuosa, então resolveu escrever sobre o real mundo contemporâneo, sobre seus próprios anseios e a vida das pessoas comuns.

Na época, segundo Smith, aconteciam leituras de poesia mensalmente em Chicago. Era um grande evento, muito elitista e geralmente ocorria em livrarias, entretanto poucas pessoas frequentavam porque era entediante (Voz de Levante, 2017). Em 1984, com o slogan "Saia do caixão - Microfone aberto", Mark começou uma noite de leitura de poesias nas segundas-feiras, porém o diferencial era o caráter de competição, que focava a atenção das pessoas. O julgamento era feito através da reação da plateia, aquele poeta que recebesse mais palmas era o vencedor. O evento acontece até hoje no mesmo lugar de uma forma bem descontraída e com premiações simbólicas, como pequenos valores em dinheiro.

Aos 33 anos, através de uma poesia que carregava tom humorístico, Mark começou um movimento de enfrentamento aos poderes da poesia da época, criando assim as

batalhas de poesia falada. “Éramos como outsiders no bairro em que atuávamos” (Voz de Levante, 2017). Inicialmente, o que eles faziam naquele bar era apenas uma brincadeira com seus amigos, depois do trabalho, com o objetivo de, ironizar a poesia de linguagem erudita apresentada pelo público acadêmico.

Smith diz que chegou no formato do slam gradualmente, tentando transformar os eventos de leitura de poesia organizados por ele e seus amigos em bares de um bairro operário de Chicago em uma espécie de show que atraísse aqueles que não se viam acolhidos pelo ambiente das leituras de poesia tradicionais. Desde 1986 até hoje, o Uptown Poetry Slam acontece toda semana no Green Mill (FREITAS, p. 99, 2017).

Conforme Smith, a reação da sociedade da época foi de total perplexidade (Voz de Levante, 2017). Para o público os padrões da poesia clássica eram inalteráveis. As pessoas não acreditavam em uma poesia feita naqueles moldes. Mesmo causando estranheza, o poetry slam se espalhou pelo mundo de uma forma não imaginada por Mark Smith e seus amigos.

Devido a sua considerável expansão no início dos anos 90, o movimento começa a criar novas configurações e Mark Kelly Smith se torna apenas uma parte da história, pois o poetry slam ganha proporções muito maiores.

Smith estimula que as regras sejam adaptadas por cada slam, de acordo com a realidade local. Hoje em dia, por exemplo, o próprio Uptown Poetry Slam conta com a presença de uma banda de jazz, que improvisa um fundo musical que tenta combinar e complementar o tom dos poemas apresentados ao longo da noite (FREITAS, p. 99, 2017).

Em 1990, os artistas do hip hop começam a fazer parte dos campeonatos de poesia falada e assim o hip hop passa a ser extremamente influenciador para o Poetry Slam; a estética do hip hop passa a ser uma forte característica do Poetry Slam. A não utilização de acompanhamento musical é uma das regras criadas por Smith, entretanto tal regra não impede a existência do ritmo nos aspectos corpóreos-vocais. Na Poesia Slam, é muito comum que os textos sejam escritos para serem lidos em ritmo de rap; algumas performances, inclusive, possuem trechos cantados. O ritmo do rap se faz presente no Slam, através das rimas, da voz e do corpo do poeta, além de se mostrar também por meio de manifestações da plateia. O Slam e o rap nasceram como expressões culturais marginalizadas. Tal relação revela que expressões artísticas marginalizadas se manifestam, por meio do ritmo, da musicalidade e da oralidade performática, apresentando temas críticos e denunciativos em diferentes tempos e lugares (CONTE, SOUZA, VOLMER, 2020). Atualmente, no Brasil, é comum

que, durante um evento de slam, haja a participação de rappers convidados que lançam CDs, falam sobre seu trabalho e apresentam pocket-shows (FREITAS, 2017).

Sabendo-se a respeito da forma como se deu o nascimento dos campeonatos de poesia falada para o mundo, faremos um salto temporal e geográfico, passando dos anos 90, em Chicago, para o ano de 2008, em São Paulo, momento este em que Roberta Estrela D'alva começa no Brasil o que hoje é um dos maiores movimentos das nossas periferias. Veremos, ainda, neste capítulo a história dos pioneiros deste movimento no Sudeste do Brasil e, além disso, analisaremos alguns poemas criados nessas primeiras competições.

## Slam do ZAP

São Paulo, dezembro de 2008.

### **Dura Ação**

Não adianta esmurrar a ponta da faca  
 Não adianta lutar como um guerreiro de Esparta  
 E exibir a cicatriz como prêmio da guerra  
 Ser a pedra que estilhaça o vidro da janela.  
 O grito, o rosnar, a absoluta beleza  
 A absoluta razão, a absoluta regra, a absoluta pureza  
 O mais perfeito entendimento, a precisão, a destreza  
 O ouvido absoluto, a nota certa, a pureza.  
 A perfeição vinda de um ser imperfeito é imperfeita  
 Uma mentira, um arremedo, uma imitação mal feita  
 E a rigidez, a dureza, toda dedicação para consegui-la  
 É o mais precioso tempo perdido em tentar contemplá-la.  
 Mas sou forte, sou viga, sou aço  
 Assim sei viver, é como me acho  
 Seguro, controlo, retenho, não vou  
 É o que reconheço, é o que tenho, o que sou [...]  
 (Trecho do texto de Roberta Estrela D'Alva)<sup>1</sup>

Os anos 2000, no Brasil, foram marcados por fortes movimentações culturais advindas das periferias. Foram os saraus que despontaram estes caminhos, os quais descortinaram diversos movimentos culturais, artistas, poetas e escritores independentes. Especificamente no ano de 2005, através de pesquisas de Roberta Estrela D'Alva, Atriz-Mc, diretora, produtora cultural, poeta slammer e pesquisadora brasileira, o cenário cultural e literário do Brasil começa a ganhar novas perspectivas:

Na Frente 3 de Fevereiro, (outro coletivo do qual também faço parte), foi onde ouvi falar pela primeira vez em "slam" e "spoken word" (fizemos o espetáculo "Futebol" que era inteirinho nessa linguagem). Assisti ao filme "Slam" com o inacreditável "slammer" Saul Williams (que exibimos nesse primeiro ZAP!), e o documentário "Slam Nation", onde vi pela primeira vez o tamanho "da

coisa". Entre 2007 e 2008, dentro de um projeto do Núcleo Bartolomeu chamado "Particularidades Coletivas", fui pesquisar sobre o assunto (D'ALVA, p. 127, 2009).

Ao procurar um evento de slam, Roberta descobriu que não havia nenhuma organização do movimento no país.

Dei uma procurada por aqui, e vi que ainda não tinha ninguém fazendo slams no Brasil. Tive a oportunidade de ir até o "Sarau da Cooperifa" fazer o lançamento do documentário "Zumbi somos nós" com a Frente 3 de Fevereiro. Era um lugar do qual eu só havia ouvido falar e que achei simplesmente incrível, de uma diversidade impressionante, "povo lindo, povo inteligente" como bradava o Sérgio Vaz, um dos organizadores do sarau. Fiquei sabendo de vários saraus, de várias iniciativas legais envolvendo poesia, mas continuei não encontrando nenhum slam (D'ALVA, 2009)<sup>2</sup>.

Em 2007, Roberta viaja aos Estados Unidos para aprofundar sua pesquisa de mestrado e utilizou-se desse período também para conhecer pessoalmente um slam, que a deixou extremamente impressionada.

Em julho de 2007, numa viagem a NY, tive a oportunidade de conhecer um slam ao vivo e em cores. Estive no Nuyorican Poets Café e no Bowery Poetry Club dois dos mais tradicionais clubes de poesia (e de slam) da cidade e pude ver de perto as batalhas. Descobri que existem mais de 500 comunidades de slam no mundo inteiro, nos países mais diversos (D'ALVA, 2009).<sup>3</sup>

Estrela D'Alva e o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos começam a articular o primeiro slam do Brasil, o Slam do ZAP – Zona Autônoma da Palavra, que foi um grande sucesso desde a sua primeira edição, ocorrida em 11 de dezembro de 2008.

Fiquei com muita vontade de fazer um slam no Brasil, e um ano depois, após a estreia do projeto "Particularidades Coletivas", do qual o meu solo de spoken words "Vai te Catar!" fazia parte, eis que inauguramos a Zona Autônoma da Palavra- o ZAP! (D'ALVA, 2009).<sup>4</sup>

Para o Núcleo Bartolomeu, o slam era uma mistura de teatro e hip hop. Como mostra a imagem abaixo, o evento foi anunciado como "um slam brasileiro", deixando clara a informação de que era uma cultura já existente em outros países.

Ilustração 1 - Imagem de divulgação do primeiro Slam do ZAP





Fonte: D'Alva (2008).

Para Roberta Estrela D'Alva o campeonato teve uma excelente recepção dos poetas da região:

O sensacional foi que logo de cara nesse primeiro, o povo compareceu em massa. O baguio bombou! Tivemos 13 inscritos para a batalha. O clima foi de festa e parecia que a gente já fazia isso há anos... parecia até que todo mundo se conhecia, embora muitas das pessoas que estiveram por lá, eu jamais tivesse visto na vida. Todo mundo ficou à vontade e até o repórter do Metrôpolis que foi lá pra cobrir o evento, se empolgou e decidiu participar de última hora. Foi realmente muito legal ouvir o que os corações tinham a dizer e deu vontade de fazer mais e mais. Foi uma noite memorável e com certeza a primeira de muitas (D'ALVA, 2009)<sup>5</sup>.

Na perspectiva de Emerson Alcalde, naquele dia todos estavam presentes no evento pela poesia e pelo encontro, não havia espírito competitivo, porque os participantes não tinham a consciência de que se tratavam de etapas eliminatórias (ALCALDE, 2022).

Os slammers da noite foram Hugo, Emerson, Luciano, Thomas, Gal Quaresma, Carlos Alberto, Cidão, Carlão, Paulo Vinícius, Pedro Queiroz, Lilian, Débora e Ana Paula (D'ALVA, 2009). O primeiro Zapião, como são chamados os vencedores do Slam do

ZAP, foi Luciano Carvalho, poeta e jornalista, morador da região do Patriarca de São Paulo, que levou o prêmio “Livros, livros! Livros! (D’ALVA, 2009).

A partir de 2009, o ZAP passou a acontecer mensalmente, toda segunda quinta-feira, no bairro Pompeia, em São Paulo, um bairro de classe alta, distante da periferia da cidade. Como veremos nas próximas páginas, com a criação do Slam da Guilhermina, o movimento poético do Slam passa a ocupar as ruas e se torna um movimento majoritariamente periférico.

Para José Falero (2020), a periferia não é apenas uma questão geográfica. Há, além disso, o fato de as periferias estarem afastadas dos centros culturais, das atividades que são consideradas culturais. Muitas vezes, a comunidade é próxima geograficamente dos centros de cultura, entretanto, aquilo é lido como cultura para a sociedade, não faz sentido para a realidade de quem vive nas periferias (FALERO, 2020). Ou seja, o que é cultura nas margens, como o rap, hip-hop, o funk, a literatura marginal e o slam, não é validado pela sociedade como cultura. Nesse ponto de vista, o afastamento é econômico e em relação a uma série de questões de infraestrutura (FALERO, 2020). Assim, é necessário pensar sobre “o periférico nesse sentido: afastado das coisas que são importantes pra vida das pessoas, dessas coisas que garantem dignidade pras pessoas. É assim que eu vejo a periferia, como o espaço não só geográfico, mas também existencial” (FALERO, 2020).<sup>6</sup>

No que se refere à realidade do periférico, o poeta Zinho Trindade levou para o ZAP, em 2010, um texto que aborda, de forma extremamente poética, a existência do homem negro na favela:

No meio urbano às vezes vivia a flor  
Selvagem é às vezes assim a flor  
Queria ser a Frô como afro me quer ser  
Pensa que sou livre, eu penso livre é você  
Como é bom viver em contato com a terra  
(...)  
A frô vive em um vaso, perigo na janela  
Eu vivo em um lugar que chamaram de favela<sup>7</sup>

Trindade relaciona a vida do homem preto periférico à existência da flor, comparando os perigos vividos pelo negro que vive na favela, que são muitos, ao risco iminente de cair da janela experienciado pela flor. Por ser teoricamente livre, o eu lírico é invejado pela flor, entretanto, para ele, a verdadeira liberdade é vivenciada por ela.

A população negra não é realmente livre desde a colonização e o poema de Zinho traz à tona a falsa liberdade vivida por ela desde a abolição. A estrutura racista da

sociedade luta incessantemente para que negros sejam mortos, vivam presos à miséria ou estejam sob posse do sistema carcerário. As pessoas negras vivem um cenário de encarceramento em massa, representando 67,4% do total de pessoas inseridas no sistema carcerário brasileiro (MARINHO, 2022).

O poeta faz, ainda, um jogo entre as palavras “a flor”, “a Frô” e “afro”, induzindo à ideia de que a flor sonhava em viver livre, sendo uma mulher negra, sustentando a ilusão de que o eu lírico vive dessa forma, por habitar o meio urbano, enquanto ela está presa a um vaso. Todavia, o negro não é livre, mesmo aquele que não está encarcerado, porque necessita fugir da morte constantemente; porque é visto pela polícia como criminoso, mesmo quando não é culpado; e está sempre presente no imaginário popular (ALMEIDA, 2020) como marginal.

Zinho Trindade, através da Poesia Slam, como tantos outros poetas periféricos, manifesta sua identidade como homem negro e morador da favela. Estes espaços literários, que oportunizam as exteriorizações identitárias dos marginalizados, foram construídos antes dos Slams, com o início de saraus, como o Sarau do Binho e o Cooperifa, criado pelo poeta Sérgio Vaz. Entretanto, depois da criação do Slam do Zap, a história da poesia marginal-periférica, no Brasil, tomou rumos inimagináveis, tornando-se um dos maiores movimentos culturais das periferias brasileiras.

Durante quatro anos, o Zap foi o único campeonato de poesia falada do Brasil. Isso dificultava a participação de diversos poetas por questões de deslocamento, como Emerson Alcalde, que viajava cerca de 23 quilômetros para participar do evento. Devido a tal dificuldade, Emerson desenvolve, em 2012, o Slam da Guilhermina, segundo Slam do Brasil.

### Slam da Guilhermina

São Paulo, fevereiro de 2012.

À MASSA  
 M-A-S-S-A. Massa. Amassa. A massa. À massa!  
 Eu sou a massa. Volumosa. Pastosa. Máxima!  
 Pega, joga, passa o rolo ôôô  
 Aperta eu cresço apareço pronta pro bolo  
 Quanto maior melhor. Com a farinha e o pó. Espalhada mais fraca e mais fina  
 Fácil pra ser cortada, moldada e dividida. Consumida. Massificada. Amorfa sem cristalina.

Sou grande, mas não importante.

Sou igual ao barbante  
 Que serve pra amarrar e não é valorizado o bastante  
 Eu protejo o recheio que vai no meio  
 Fico na borda. Sou jogada pra escanteio  
 Pegam a uva passa o argamassa na taça, ai que graça!  
 (Trecho do texto “À massa”, de Emerson Alcalde)

Pode-se dizer que o Slam da Guilhermina é um dos frutos do Slam do Zap, uma vez que tal coletivo foi criado por Emerson Alcalde, um escritor que iniciou sua jornada como slammer, fazendo participações no Slam do ZAP desde a sua primeira edição. Emerson é ator, escritor, dramaturgo, poeta e slammer, e criou o Slam da Guilhermina, em 2012. Mesmo recebendo inúmeras críticas a respeito de fazer algo que já era feito por Estrela D’Alva, o poeta não desistiu de estender o movimento, aproximando-o geograficamente dos moradores da região Leste de São Paulo.

O Slam da Guilhermina é mais um capítulo importante da história da Poesia Slam no Brasil, pois é a partir desse momento que o movimento toma conta das ruas, passando a ocupar praças e viadutos do país inteiro. O Slam da Guilhermina mostrou a possibilidade da criação de outros Slams, além do ZAP.

No início do ano de 2012, Emerson Alcalde, juntamente a Vander Che e Cristina Assunção, começaram a articular o segundo Slam do Brasil, que só recebeu um nome após ser escolhido o local onde aconteceria: a praça da Guilhermina, situada na Zona Leste de São Paulo.

O primeiro Slam da Guilhermina aconteceu em 24 de fevereiro de 2012. Embora Emerson tivesse receio de dar continuidade ao movimento, recebeu total apoio de Roberta Estrela D’Alva para criar o Slam da Guilhermina. Infelizmente, o poeta enfrentou alguns questionamentos por criar um Slam havendo uma cultura de saraus tão forte na região. Emerson relata em seu livro *Nos Corre da Poesia*, que, para alguns participantes de saraus da Zona Leste de SP, a ideia do Slam da Guilhermina era uma imitação da criação de Roberta Estrela D’Alva, que significava a divisão do movimento dos saraus, através da competição (ALCALDE, 2022). Além disso, a cultura do Slam era vista como um evento elitista, importado dos norte-americanos (ALCALDE, 2022).

O primeiro Slam da Guilhermina foi protagonizado principalmente por participantes de saraus. Foram seis competidores, entre eles Roberta Estrela D’Alva. Já a plateia contava com aproximadamente 20 pessoas (ALCALDE, 2022).

O Slam da Guilhermina foi o segundo do Brasil, mas o primeiro organizado a céu aberto. Não contava com uma infraestrutura, como a do Slam do ZAP, não dispunham

de plaquinhas de notas, caixa de som ou microfone, nem mesmo autorização do metrô para utilizar a praça (ALCALDE, 2022). Veja a seguir uma imagem da praça da Guilhermina em um dia de Slam.

Ilustração 3 - Imagem 1º edição Slam da Guilhermina



Fonte: Facebook (2012).

Mesmo com toda a falta de infraestrutura, o Slam da Guilhermina aconteceu e o primeiro campeão foi Daniel Minchoni, um poeta do Rio Grande do Norte, que já atuava anteriormente nos saraus e participava desde o início do Slam do ZAP.

Foi também atuando no Slam da Guilhermina que poeta Beka ganhou notoriedade em São Paulo, 2019:

Taca fogo nesse baile, que os moleque que descer pra pista  
 (...)
   
Zé povinho diz que é pra se aparecer
   
mas pra mim é o grito de quem sempre se sentiu invisível
   
Nas redes cêis posta as mesmas coisinha de sempre e adora julgar
   
Mas diz pra mim
   
Quantos moleque na quebrada tu parou três minuto pra escutar?
   
(...)
   
Taca fogo nesse baile, que os muleque quer embrasar
   
Passinho do Romano, passinho dos maloca

Que no começo os boy diz que não gosta  
 Mas aí quando vira moda eles vai no Google e digita:  
 Como aprender a dançar  
 Pode parar!  
 (...)  
 É raso  
 O pensamento de que os menino daqui não tem nada a oferecer  
 Pois na guerra são linha de frente  
 Enquanto os revolucionário de lá são os primeiro a correr  
 (...)<sup>8</sup>

Através do poema “Parado no Bailão”, Beka discute a questão da tomada de identidade dos periféricos, por não periféricos, por meio da apropriação cultural. O poeta reflete, assim, sobre a marginalização da cultura periférica enquanto é feito pelos criadores da cultura; e critica o fato de essa mesma cultura passar a ser valorizada a partir do momento em que vira moda entre os não periféricos. O ato de pensar e discutir em praça pública sobre tais pautas foi uma grande colaboração social realizada pelo Slam da Guilhermina.

Para Alcalde (2022), o Slam da Guilhermina abriu possibilidades para que o Slam deixasse de ser um evento e se tornasse um movimento. De fato, o Slam da Guilhermina é um divisor de águas para a história das competições de poesia falada brasileiras. Assim como Emerson Alcalde, Daniel Minchoni, slammer, que também estreou no ZAP, articulava a ampliação da cena dos Slams em um novo espaço: o Menor Slam do Mundo.

## Menor Slam do Mundo

São Paulo, maio de 2012.

As balas são e borracha porque intenção era apagar palavras de revolução.  
 (Poema de Vitor Rodrigues, recitado na primeira edição)<sup>9</sup>

O Menor Slam do Mundo é mais um dos descendentes do Slam do Zap. Inspirado em tal organização, o diretor de arte, poeta, escritor, grafiteiro e idealizador do Sarau do Burro, Daniel Minchoni, começa, em 2012, a desenvolver com a Casa das Rosas, em São Paulo, a 1ª edição do Menor Slam do Mundo. Esse slam foi o terceiro de São Paulo, mas é um dos mais peculiares da atual cena do slam.

Em maio de 2012, três meses após a estreia do Guilhermina, ocorre na Casa das Rosas, em São Paulo, a 1ª edição do Menor Slam do Mundo. A divulgação foi realizada por meio de vídeo no You Tube.

Ilustração 4- Imagem de divulgação 1ª edição Menor Slam do Mundo



Fonte: You Tube (2012).

A batalha de poesias conta com regras diferentes do slam tradicional, no qual as apresentações podem ser de até três minutos, no Menor são recitados somente poemas curtos com apresentações de até 10 segundos. Dezenove poetas participaram da primeira edição e o poeta vencedor foi Thiago Cervan, de Atibaia.

Ilustração 5 - Imagem 1ª edição Menor Slam do Mundo



Fonte: You Tube (2012).

Entre os organizadores do Menor Slam do Mundo surgiu a ideia de uma possível entrada para Guinness Book como o slam com menor tempo de duração do mundo. Durante as competições, surgiram apresentações ainda menores do que dez segundos e assim foram criadas outras modalidades, o Mini Menor Slam do Mundo, com tempo de até três segundos; e o Nano Slam, com tempo limite de um segundo para as apresentações.

Além dessas características, o Menor Slam do Mundo possui outras peculiaridades. Ao final de cada edição, o melhor participante é eleito o “poetinha” da noite; já o vencedor do ano, ao invés de campeão, é chamado de “campeinho”; e a última edição anual, ao invés de finalíssima, é chamada de “finalínima”.

Ao criar o Menor Slam do Mundo, Daniel Minchoni diz que foi influenciado, ainda, pela capoeira, que tem movimentos rápidos, secos e ritmados; e faz uma analogia com a velocidade e cadência das poesias apresentadas no Menor. Minchoni relaciona esses

dois movimentos por ver na capoeira, cultura que mistura esporte, luta, dança, cultura popular, música e brincadeira, uma desconstrução: “pode ser luta, mas também pode ser brincadeira (o menor slam do mundo, 2019)”. Assim como o Menor Slam do Mundo, que se constrói mais como jogo e brincadeira do que exatamente como batalha. Para Estrela D’Alva (o menor slam do mundo, 2019), a modalidade de slam criada por Daniel é como um tiro de palavras; em poucas palavras você atinge uma ideia, é como um terrorismo poético. Assim como faz o poeta Vitor Rodriguez, protestando sobre o problema da fome na sociedade, em seu poema recitado na primeira edição do Menor Slam do Mundo:

Se a gente é o que come  
Quem não come nada, some  
Deve ser por isso que ninguém enxerga toda essa gente que passa fome<sup>10</sup>

É importante ressaltar que o Menor Slam do Mundo foi o primeiro no Brasil a modificar as regras criadas por Mark Kelly Smith, tornando-se inspiração para outras competições e atualmente sendo reproduzido em aproximadamente cinco países.

O Menor Slam do Mundo tem como objetivo mostrar a poesia de forma dinâmica e divertida. Da forma viva que acontece pelos redutos da cidade, mas especialmente a poesia que tem menos espaço para ser apreciada oralmente, a poesia curta. O poema reduzido à sua menor forma, condensada e bastante efetiva na linguagem ou mensagem. Num formato de programa de auditório, toda essa densidade potencializada na mínima expressão que poderia fazer o público dispersar em reflexões, traz a todo momento a plateia de volta para o evento, se emocionando e vibrando numa disputa riquíssima. Mostrar pra elas que acima de tudo poesia é bastante divertido, legal, dinâmico, seduzindo novos públicos e formando plateia. Tratando os espectadores como parte do evento, envolvendo-os e fazendo com que participem ativamente, pois sendo poemas curtos é possível que mais pessoas tenham frases e pensamentos que possam participar do evento. (MINCHONI, Entrevista sobre Menor Slam do Mundo, via email, Tamires Prestes, 1/2023)

Após a realização do primeiro Slam brasileiro diferente dos padrões criados no Estados Unidos, surge o primeiro Slam fora do estado de São Paulo, que também, assim como o Menor Slam do Mundo, quebra regras, que inclusive são antagônicas às criadas por esse último. O Slam Tagarela confronta o caráter democrático dos Slams realizados até o momento, uma vez que a limitação de tempo para cada apresentação impede a possível necessidade de se recitar um texto maior.

Slam Tagarela

Rio de Janeiro, setembro de 2013.

Pois então já digo logo: a proposta do poema é resgatar-me de mim mesma, pois, se algo acontecer, e esquecer quem eu sou, poderei abrir aqui, ler os versos que escrevi e quem sabe depois ler a tudo, num segundo, voltarei pra quem eu sou. (Poema de Jenifer Felipe – Tagarela, o filme)<sup>11</sup>

O ano de 2013 foi importante para a história da Poesia Slam no Brasil. A partir desse período, o Slam deixa de ser um movimento exclusivamente de São Paulo e começa a se expandir por todo o sudeste brasileiro. O Slam Tagarela marca o início de um novo ciclo para o movimento, disseminando-se fora do estado de São Paulo e com uma proposta bastante diferente das já existentes até o momento.

Com o slogan “Poesia na boca do povo”, o Slam Tagarela foi idealizado pelo professor, escritor, poeta e coreógrafo Paulo Emílio Azevedo e tem como cofundadores o MC Slow da BF e os poetas Max Medeiros e Tom Grito, os quais integram o Coletivo Cia Gente.

A primeira edição do Slam Tagarela aconteceu no Lago São Francisco de Paula, em setembro de 2013.

Ilustração 6 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam Tagarela

Toda 1ª Terça-feira do mês  
**UM DESAFIO DE POESIAS**  
 próximas datas 05/11/13 e 03/12/13 continua em 2014...

**LARGO DE SÃO FRANCISCO ÀS 12H**

	<b>Colaboradores</b> Max Medeiros Letícia Brito	<b>Apresentação</b> Mc Slow	<b>Realização:</b> 
	<b>Inscrições</b> <a href="mailto:producao@ciagente.com.br">producao@ciagente.com.br</a>	<b>Idealização:</b> Paulo Emílio Azevedo	 <a href="http://ciagente.com.br">ciagente.com.br</a>

Fonte: Facebook (2013).

Uma das principais regras das competições de Slam tradicionais é o tempo limite de três minutos para cada apresentação. Entretanto, o Tagarela não determina tempo limite e, justamente por isso, é designado como o maior Slam do mundo.

O Slam chegou no Rio de Janeiro por meio do Tagarela. Eu ajudei a organizar o Tagarela durante 3 anos, em 2013, 2014 e 2015. Em setembro de 2013 o Tagarela surgiu na época das manifestações [Jornadas de Junho de 2013].

Então falávamos poesia, era através do Slam que falávamos poesia no megafone. Foi uma estratégia de burlar a questão dos alvarás. Como tínhamos um megafone, um megafone se caracteriza por artista de rua, você não precisa de autorização para nada. Então fazíamos o sarau usando o megafone. No Largo de São Francisco, na frente do IFCS-UFRJ (AZEVEDO, p. 11, 2021).

A não delimitação do tempo de apresentação não é a única peculiaridade do Slam Tagarela. O uso de megafones para melhor propagar as mensagens dos poetas nas ruas também é uma característica própria desse Slam (COSTA, 2020).

Ouçam, ervilhas, que o ano de 2013 antecedeu uma Copa do Mundo e já vigorava em tal contexto a chamada “Lei da Copa”. Dentre tantas atribuições em vigor, a lei dificultava consideravelmente a aprovação de projetos e ações realizadas diretamente nas ruas e praças. Como proposta, alegava-se que tais eventos poderiam estar associados à participação de *black blocks* – os mascarados considerados como sujeitos perigosos e desviantes da proteção das manifestações. Foi nesse decorrer que, em meio a centenas de manifestantes, observava-se um megafone empunhado por determinado demonstrante. De fato, ele sempre esteve lá. Faltava apenas olhar mais uma vez e enxergar sua fortaleza (AZEVEDO, p.12, 2021).

A transgressora utilização do megafone foi apenas mais uma estratégia de fazer com que fossem ouvidas as vozes dos poetas para que assim fossem superados os sons das manifestações de 2013 no Brasil.

Ilustração 7 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam Tagarela



Fonte: Facebook (2013).

O Coletivo Cia Gente inseriu como parte do plano o uso de caixotes de feira como um elemento que, até hoje, serve de palco; é como uma demarcação do local do encontro para que o poeta tenha maior visibilidade (AZEVEDO, 2021).

Refletidas algumas possibilidades, junto ao megafone se acrescentaram a ideia de utilizar caixotes de feira. Em geral, os mesmos são usados para transportar legumes e frutas – num deles, grafitou-se a *palavra Tagarela* e no outro, a expressão *a poesia na boca do povo*. Nascia assim o *maior slam do mundo* (AZEVEDO, p.12, 2021).

Além disso, é livre o uso de acompanhamento musical, tecnologias diversas, figurino, maquiagem, cenário e também elementos como água, fogo, terra, entre outras possibilidades de interação. Tais regras tornam o Tagarela bastante distinto do Poetry Slam de Mark Smith, em 1984.

Também, ressalta-se que o Tagarela não se restringe à própria ideia de competição, mas sim de uma experimentação estética onde a palavra recebe tratamento de alto valor. No Tagarela, ajudou é que a pessoa possa falar o tempo necessário para expressar sua mensagem, esse era o contexto das manifestações – e por isso o nome “tagarela”; o “falador”. Ainda tomando como referência as manifestações de junho, o Tagarela se apropriou de outro dispositivo bastante comum nas mesmas: o megafone. Este, por sua vez, ampliou técnicas de uso da palavra e do corpo na urbe (AZEVEDO, p. 12, 2021).

Desde 2013, as edições do Tagarela acontecem mensalmente, reunindo cerca de vinte a trinta poetas e um público flutuante que se aglomera. Um deles foi o MC André Martins, que levou para a roda de Slam uma reflexão sobre a sua vida como trabalhador brasileiro, fazendo uma crítica sobre as dificuldades de seu cotidiano no transporte público do Rio de Janeiro.

Sou trabalhador, pego trem, metrô lotado  
Agora sim eu sei como se sente um enlatado  
Ônibus quebrado, sem ar-condicionado  
A cada metro quadrado, o risco de ser furtado  
Estressado, depois de ter trabalhado  
Mas isso é menos pior do que ficar desempregado  
(Facebook Tagarela, 2021)

Nesses 10 anos de atuação, o Slam Tagarela ocupou diversos espaços públicos no centro da cidade do Rio de Janeiro e locais fechados como a sala Baden Powell em Copacabana (COSTA, 2020), propagando as mensagens de protesto a respeito das vivências de pessoas marginalizadas. No aniversário de cinco anos do projeto, em 2018, o coletivo realizou ações em cinco locais da região metropolitana do estado –

Zonas Norte, Sul e Oeste, Centro do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense (COSTA, 2020). O Tagarela, para além da cultura e arte criada nas ruas, originou produções intelectuais como livro, exposição, oficina para crianças e capacitação de professores. É também tema de pesquisas acadêmicas e, por fim, virou filme (AZEVEDO, 2021). Com este, foi premiado como melhor documentário em festivais internacionais (AZEVEDO, 2021).

Ilustração 8 - Imagem 1ª edição Slam Tagarela



Fonte: Facebook (2013).

## 2. IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS

Eu queria rimar felicidade  
 Mas aqui na quebrada eu abro a Janela e só vejo desumanidade  
 Acordo com barulho de tiro de fuzil  
 É impossível escrever sobre aquilo que aqui no Morro ninguém nunca viu  
 (...)  
 (Tami Prestes, 2021)

No Brasil, os campeonatos de poesia falada se transformaram em um movimento legitimamente de rua, pela necessidade de facilitar o acesso geográfico das periferias, sendo uma manifestação feita majoritariamente pelos marginalizados. Entretanto, há nesse deslocamento do centro para as margens uma necessidade de retomada das áreas que são construídas para a população, mas que deixam de ser utilizadas para as manifestações culturais periféricas pela repressão vinda dos órgãos de segurança pública.

A ocupação desses espaços vem como um grito de libertação e, com isso, a criação de um ambiente de escuta para as vozes que foram caladas. O acontecimento de um Slam em praça pública permite que não apenas pessoas sejam ouvidas, mas que transeuntes de outros espaços as escutem e, através desse movimento de escuta, despertem para demandas importantes, que muitas vezes são esquecidas ou desconsideradas. Porém, acima de tudo, é importante compreender que, na medida em que a Poesia Slam faz o movimento de ocupação das margens e do centro, isso permite que pessoas periféricas, na sua maioria pretas, transitem por esses lugares e sejam ouvidas também pela burguesia e pela branquitude. Através da poesia feita pelas margens, há um movimento de resistência e de sobrevivência daqueles que são um movimento político apenas por existirem e se manterem vivos.

Neste capítulo, farei uma reflexão acerca dos diferentes espaços ocupados pela Poesia Slam e as possíveis implicações desse transitar entre o centro, as margens, espaços públicos e privados, criando ambientes de fala para os periféricos e lugares de escuta para todos.

O movimento das competições de poesia falada no Brasil, a partir desse momento da história, passa a ter um caráter político ainda mais forte, atrelando-se a uma importante manifestação política ocorrida no país, os protestos do ano de 2013, gerando o Slam Resistência, uma das principais organizações de Slam do Brasil.

## Slam Resistência

São Paulo, outubro de 2014.

Do que adianta ter os melhores brinquedos,  
 Mas conviver com o medo do seu pai ser preso?  
 A recompensa do crime não compensa  
 E eu? Eu mal entendia toda aquela correria.  
 A ostentação que a gente vivia.  
 E durante a noite, briga, gritaria e agressão.  
 Minha mãe resistiu e até que enfim, definitivamente separação.  
 E não foi fácil, não. Teve dias que a fome apertou.  
 Minha mãe ausente ao trabalho se dedicou.  
 E eu e meu irmão, nós sempre se virou.  
 Da rua, nós não saía na rua, nós se criou.  
 (...)  
 Privilegiados não são capazes de entender a realidade da rua.  
 (...)  
 Minha caminhada é política, resistência, revolução.  
 (...)  
 E, como disse Emicida, não volte pra sua quebrada de mãos e mente vazia.

(Emily Jessica – Slam Resistência/2022)<sup>12</sup>

No ano de 2013, mais de 1 milhão de pessoas em diversas capitais do Brasil saíram às ruas em protesto ao aumento das tarifas de ônibus, metrô e trem. Além disso, as manifestações buscavam expressar revolta em decorrência de episódios de violência policial contra jornalistas e civis.

Durantes tais manifestações, surgiu, em 2013, o Slam Resistência. Na Praça Roosevelt acontecia, na época, o encontro “Quintas de Resistência”, no qual se reuniam movimentos sociais, que articulavam as movimentações e debatiam as reações violentas da polícia. Nesses encontros aconteciam intervenções poéticas e assim foi sugerida a criação de um Slam.

Ilustração 9 - Imagem 1ª edição Slam Resistência



Fonte: You Tube (2012).

Segundo Del Chaves (Ágora do Agora, 2019), idealizador do Slam Resistência, algumas pessoas associavam o Slam ao islamismo, por ser um movimento pouco conhecido no país. Em outubro de 2014, o Slam Resistência começa oficialmente. A primeira edição contou com apenas 10 pessoas. Atualmente integram o Slam Resistência: Lúcia Avellaneda, Lika Rosa, Charles J. Monteiro, Laila Manuelle, Cérebro IDP, Lu Avellaneda, Richard Pereira, Cláudio Del Puente.

Para Emerson Alcalde, criador do Slam da Guilhermina e competidor no Slam Resistência, esse coletivo contribuiu muito para a cena do slam por acontecer em uma área central. Para a professora da UnB, Regina Dalcastagné (2002), a cidade é um símbolo das relações humanas por ser um lugar de encontro e de vida em comum, além de ser uma expressão da diversidade humana em que convivem massas de pessoas que não se conhecem. O acontecimento do Slam, portanto, em meio à cidade, proporciona o encontro de pessoas diversas e muitas vezes desconhecidas, mas que se reúnem por possuírem a semelhança de viverem às margens da sociedade. Assim afirma Giovana Possignolo (2019, p. 127):

Entretanto, o fato de sua localização ser no centro de São Paulo não faz do Slam Resistência um movimento centrista; pelo contrário, ele desempenha papel importante para uma mudança sobre o sentido que o centro tem para a periferia, quebrando as barreiras e segregações responsáveis por estabelecer previamente que cada grupo social possui seu próprio espaço

público separado, sem poder interagir. Assim, a população periférica participante do Slam Resistência passou a ocupar e se apropriar legitimamente da praça Roosevelt juntamente aos demais usuários.

Por possuir o caráter integrador, o Slam Resistência discute, por meio dos poemas declamados, as pautas vividas por pessoas marginalizadas ao ocupar a cidade de São Paulo. Como afirma Dalcastagnè (2012, p. 17), tradicionalmente “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles”. Por isso a importância do Slam, que traz as vozes dessas pessoas silenciadas para espaços de grande circulação. Dessa forma, “estes espaços tão fortemente vinculados ao mundo exterior” se tornam nos poemas como parte do sentir do poeta por viver a exclusão social. Tal questão pode ser visualizada no poema de Vs Marabá, declamado em janeiro de 2023, no Slam Resistência:

“preconceito acabou”  
Só papo atrasado  
Então por que ainda sou marcado por segurança no mercado?  
Por que quando ando na rua esses emocionado vão pra outro lado?

Mas quando neguim passa na blitz  
A gente sente na pele a dor do chicote  
(Facebook Slam Resistência, 2023)

O poeta reflete sobre suas vivências como homem negro periférico, fazendo o simples movimento de ocupar lugares públicos como o supermercado, uma ação cotidiana, que para tantos é algo extremamente corriqueiro, mas que para o homem negro se torna algo traumático e muitas vezes perigoso, visto que são reais os casos de homens negros que foram agredidos e até assassinados dentro de locais como esse. Para citarmos apenas um dos tantos tristes exemplos, a morte de João Alberto Freitas, espancado até a morte por seguranças do supermercado Carrefour, em Porto Alegre, no ano de 2020. Marabá levanta, ainda, a discussão sobre as experiências do homem negro ao andar na rua, os olhares de discriminação apontados a ele, além da violência policial que o assombra diariamente.

O Slam Resistência se configura, para além das poesias, como fórum de debates e intervenções socioculturais no meio da Babylônia de concreto, conforme o Slam Resistência se descreve em suas redes sociais (FREITAS, 2020).

O sucesso do Slam Resistência se faz também pela divulgação nas redes sociais, mesmo não aceitando qualquer intervenção da mídia ou do governo, comportando-se como o Slam mais radical nesse sentido (POSSIGNOLO, 2019), torna-se o maior

Slam da América Latina, já reunindo aproximadamente 800 mil pessoas em torno da Praça Roosevelt. O Resistência contribuiu fortemente para o crescimento da cena do Slam em São Paulo. Ao final de 2017, calculava-se mais de quarenta Slams no Estado, resultado das intervenções poéticas feitas nas “Quintas de Resistência” (POSSIGNOLO, 2019).

Ilustração 10 - Imagem 1ª edição Slam Resistência



Fonte: You Tube (2012).

Com o tempo, a Poesia Slam faz um movimento de ocupar cada vez mais estados do Brasil, deixando de ser uma manifestação centralizada no sudeste do país, transformando-se em um movimento de todas as regiões brasileiras. O ano de 2017 marcou essa força que o Slam ganhou, disseminando-se por todo o Brasil. Além disso, com a criação do Slam Mossoró, a Poesia Slam passa a ocupar cada vez mais o Nordeste.

Slam Mossoró

Rio Grande do Norte, dezembro de 2017.

Olha que ironia do destino, eu tô aqui novamente, pra falar sobre os mesmos motivos de sempre. Uns meses atrás, eu até tentei ser diferente, mas nem

diferenciado eu consigo ser igual a essa gente. Eu ando pecando demais, mas nunca botei a culpa nessa tal de carne fraca. Os padres, para facilitar pra mim, deviam colocar um confessionário na esquina da minha casa. Eu exalo aroma do caos, no mundo de hoje, isso me faz ser eficaz. O salário do pecado é a morte e seu Michel Temer tá querendo descontar 100 reais. Eu engulo livros, vomito letras, vejo eles vomitarem heresias, que engoliu revista Veja. É o Brasil. É contraditório demais! Temos notícias a ser mostradas e o Jornal Nacional só mostra notícias internacionais. [...] (Trecho de uma das poesias recitadas por Viktor Santos, recitada no Slam Mossoró)<sup>13</sup>

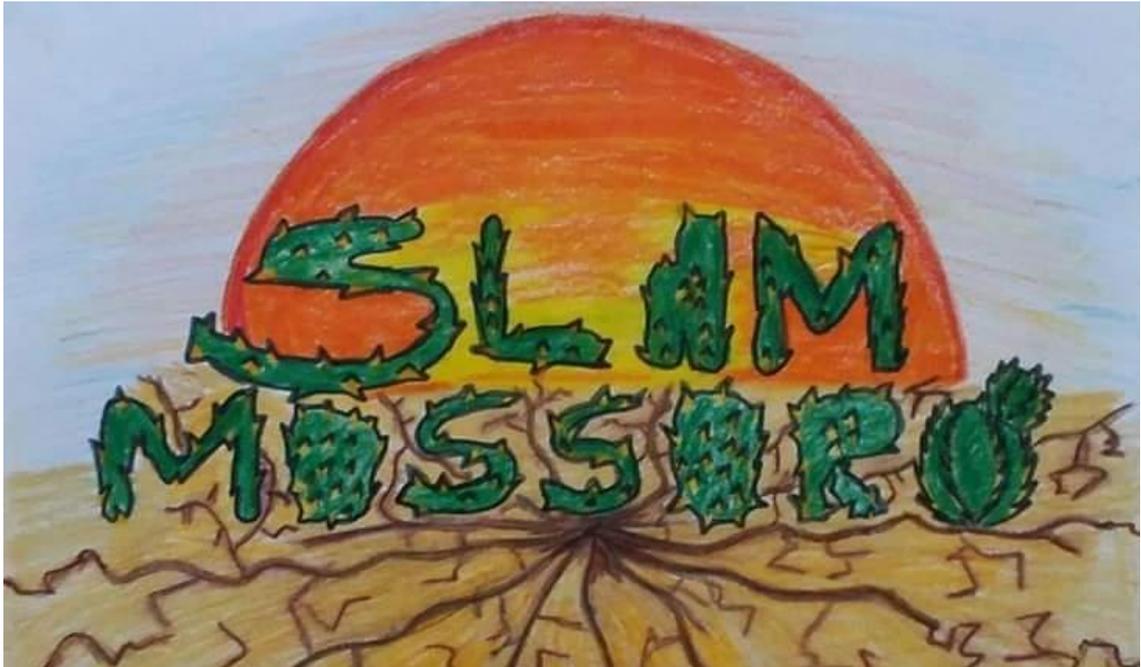
É importante destacar que o movimento do Slam deixa de ser restrito ao espaço central do Brasil, e não mais restrito à maior cidade do país, São Paulo. Através das mãos de muitas pessoas engajadas com a cultura marginal, o movimento ganha o Nordeste. Carlos Guerra Júnior foi uma dessas pessoas, que ajudaram a construir a história da Poesia Slam no Brasil. Ele é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra, com tese sobre rap no Brasil, Angola, Portugal e Moçambique. Atualmente trabalha como professor da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Carlos conheceu o Slam em Portugal. Quando fazia doutorado, participou de em um evento organizado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, e por participantes do Slam Portugal.

No mês seguinte, foi vencedor nesse mesmo Slam, em uma edição que aconteceu durante manifestações contra a aprovação de leis racistas e xenofóbicas. A participação de Carlos Guerra no Slam Portugal foi noticiada pela mídia do Rio Grande do Norte, e isso favoreceu a busca de Carlos por rappers de Mossoró, para a organização do primeiro Slam no estado.

Antes de voltar ao Rio Grande do Norte, devido a sua pesquisa de doutorado, Carlos viajou a São Paulo para entrevistar Eduardo Taddeo e GOG. Nessa passagem pela cidade, conheceu o Slam Sofálá, quando teve a oportunidade de conversar com o criador desse evento, Emerson Alcalde, informando-se sobre todas as regras da competição de poesia falada.

Ao retornar ao Rio Grande do Norte, Carlos, junto à mídia do estado, impulsionou uma grande campanha de divulgação do campeonato que em breve aconteceria.

Ilustração 11 - Imagem 1ª edição Slam Mossoró



Fonte: Instagram (2017).

Em dezembro de 2017, aconteceu a primeira edição do Slam Mossoró, no Rust Café, no Memorial da Resistência, com um público de 300 pessoas e 17 poetas. O vencedor da edição inaugural foi o poeta Stanley.

Em 2019, Carlos volta a Portugal e vira uma referência no que se refere à Poesia Slam, procurado por atuantes do movimento em Portugal para sanar dúvidas sobre o assunto. Mesmo na falta de Carlos Guerra, a cena do Slam se manteve firme no Rio Grande do Norte, inclusive cresceu. “O pessoal participava até em chuva, levavam caixa de som. Mantiveram a cena para não perder a vaga da etapa nacional.” (GUERRA, 2023, Entrevista sobre Slam Mossoró, via email, Tamires Prestes, 1/2023)

Em 2019, outras cidades além de Mossoró começaram a participar, como Currais Novos e Natal. “A edição final de 2019 aconteceu no Teatro Lauro Monte Filho. Foi coisa linda! Os artistas dizendo: pow, nunca pensei em entrar em um teatro e entrei logo como artista!” (GUERRA, 2023, Entrevista sobre Slam Mossoró, via email, Tamires Prestes, 1/2023”

Ilustração 12 - Imagem 1ª edição Slam RN



Fonte: Gabriela Cândido (2021).

Para Gurgel (2021), o evento é uma oportunidade de destacar a arte feita pela juventude potiguar, além de ser uma chance para pensar sobre a situação política e social do Brasil e do Rio Grande do Norte, uma vez que predominam poesias com temas acerca das consequências do sistema político para a juventude e as minorias sociais (GURGEL, 2021). A literatura marginal é um campo produtivo para a mostra da subjetividade das comunidades marginalizadas. Através de tal literatura, essas pessoas podem contestar pela forma de vida que têm por conta das desigualdades (RAMOS, 2017 apud GUNUTZMANN, 2017, p. 26).

Assim como contesta Erimar, em seu poema declamado, em 2020, no Slam Mossoró:

Hoje é dia de rap poesia  
 Xamãs da rima  
 Chamo na rima  
 Saíram chamás  
 Que queima, purifica  
 Violência a gente argumenta  
 (...)  
 O caminho é longo  
 É nós por nós  
 Mossoró  
 A chapa é quente  
 Trazendo a vendeta do nosso algoz

Vivendo  
 Cada dia sempre após  
 Sempre à frente  
 Cada escolha um caminho  
 Atroz sem volta  
 Cada estação colhendo amor pra semear de volta  
 Colhendo a dor pra semear revolta  
 É o carma, é a troca  
 O fluxo contínuo  
 Será o destino?  
 Não adianta ter mira sem objetivo  
 Rap sem compromisso  
 (...)

Mossoró, Santa Delmira  
 Mostrando que o Nordeste está vivo e forte  
 Não escapa nada nem ninguém  
 (...)

Você precisa ouvir umas verdades  
 Para de olhar pro seu umbigo, olha pra sua cidade  
 Jogada às traças  
 O país mais corrupto dos mapas  
 A vergonha estampada na face  
 No rosto de quem não sabe quando vai voltar pra casa  
 (...) <sup>14</sup>

Erimar fala em seu poema a respeito da vida como rapper em Mossoró, suas dores e violências sofridas. O poeta demonstra um tom de revolta em relação aos problemas do lugar onde habita, entretanto não deixa de manifestar também seu orgulho pela região.

A Poesia Slam oferece a oportunidade para que pessoas reflitam sobre o seu lugar na sociedade, suas relações com a cidade em que vivem (GUNUTZMANN, 2017) e exponham a forma como elas enxergam o acesso de outras pessoas a esses lugares. Muitos poemas declamados têm a ver com “a conformação de uma Geografia afetiva a partir de uma atenção voltada para as vivências apreendidas no dia a dia da comunidade, traçando uma estética particular nestas reconfigurações.” (TENINNA, 2013, p. 13 APUD GUNUTZMANN, 2017, p. 31).

O estado do Rio Grande do Norte tem enviado representantes à etapa nacional, que acontece anualmente no Rio de Janeiro, desde 2018, sendo eles: Lucas Rafael de Mossoró, em 2018; Amém Ore de Natal, em 2019 e 2020; Nigro de Natal, em 2021 e Larissa Galvão de Mossoró, em 2022.

Ilustração 13 - Imagem 1ª edição Slam Mossoró



Fonte: You Tube (2017).

Em 2017, a Poesia Slam cresce incessantemente e se espalha rapidamente pelo Nordeste. O mês de dezembro do referido ano foi data de estreia de diversos Slams, inclusive o Slam do Prado.

### Slam do Prado

Paraíba, dezembro de 2017.

Foi embora e a família ainda lamenta por perdê-la  
 Na terra apagou-se um brilho e no céu nasceu mais uma estrela  
 Há um ano, fechou os olhos num segundo  
 E agora minha avó está dormindo um sono profundo  
 Veio ao mundo pra trazer e dar o seu melhor  
 Mas a morte silenciosa chegou, tirando os sentidos da minha avó  
 E o pior, sofreu até o fim, mas tratou a dor com cautela  
 Pois só sabe a cruz o quanto pesa quem está carregando ela [...]  
 (Trecho de poema de Arthur Alves, recitado no Slam do Prado)  
 (Instagram, 2017)

No ano de 2017, eram frequentes as batalhas de rima no estado da Paraíba, em Campina Grande, por exemplo, quinzenalmente acontecia a Batalha do Prado, um encontro que consistia em duelos de rima de improviso, em que o rimador que tivesse mais criatividade na construção de suas rimas era eleito o campeão da edição. Idealizada por Livingston Borges (LSETE), artista paraibano, tinha como objetivo proporcionar momentos de lazer, diversão, além de difundir a cultura Hip Hop. A Batalha do Prado foi um espaço facilitador para diversos movimentos da cultura hip hop, influenciados por ela, como a Poesia Slam. Eros Silva (Mano Horas), integrante

do coletivo, que conheceu a Poesia Slam através da internet, inseriu à Batalha do Prado a competição de poesia falada.

Ilustração 14 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam do Prado



Fonte: Instagram (2017).

Em 10 de dezembro de 2017, no Complexo Esportivo Nelson Gomes Andrade, bairro do Catolé, foi realizado o primeiro Slam do Prado, pioneiro da modalidade no Estado da Paraíba.

Foi um duelo de poesia que começou a ser executado a partir da 3ª Edição da Batalha do Prado e que ocorria depois da primeira fase da Batalha de Sangue, cada poeta recitava apenas UMA POESIA e o júri formado por 3 pessoas do público escolhidas aleatoriamente, davam suas notas de 0 a 10 (LSETE, Entrevista sobre Slam do Prado, via email, Tamires Prestes, 1/2023)

O grande vencedor da primeira edição do Prado foi o poeta Arthur Alves, que recebeu uma folhinha/chave do duelo de lembrança com os nomes de todos(as) os(as) participantes e um livro.

Ilustração 15 - Imagem 1ª edição Slam do Prado



Fonte: Instagram (2017).

Foram realizadas quarenta edições do Slam do Prado, que aconteceram entre 2017 e 2022. A partir do Slam do Prado, surgiram outras iniciativas como SLAM Estadual PB, em 2018; SLAM UEPB, em 2019; SLAM no Polo FLIC de Todas as Vozes, em 2019; Projeto Ritmo e Poesia nas Escolas, em 2022.

O Slam do Prado também foi lugar para se refletir sobre os espaços ocupados por poetas periféricos. O rapper paraibano Marley, por exemplo, retrata, no poema a seguir, suas vivências na cidade de Campina Grande, na Paraíba:

Nós somos

Nessa vida passei por várias fases  
 Virei metamorfose ambulante  
 No chão onde o sol toca primeiro  
 Rap pulsa no nosso autofalante  
 Rimador caninano embola o coco  
 Poesia slam virou cordel  
 Nossas ruas são um laboratório  
 As batalhas de rima um cartel  
 Vejo rostos nos quais me identifico  
 É por isso que eu luto e não me entrego  
 Rubro Negro do luto pelo sangue  
 E a proposta é a submissão que eu nego  
 Quando a poesia vira arma,  
 Seremos guerrilheiro nas trincheira  
 (...)  
 Tá florindo igual mandacaru  
 Fiz pra enaltecer nossas raízes  
 (...)  
 Igual Chico fez com maracatu  
 É Nordeste, é Agreste, é Paraíba

Resistir desde sempre é a maneira  
 Casca dura igual a macaíba  
 E essa aqui é paulada na moleira  
 (...)  
 Cangaceiro real dança xaxado  
 (...)  
 Oh, Campina, capital do trabalho  
 A quadrilha junina tem fogueira  
 Santo Antônio falou pra rezadeira  
 Que cravasse a faca na bananeira  
 (...)  
 E nossa Hollywood é Cabaceiras  
 Só pra mostrar que a gente rouba a cena  
 Vão ter que engolir igual brejeira<sup>15</sup>

O poema é rico em signos relacionados a Paraíba, por meio de relações entre a cultura e literatura nordestina e a Poesia Slam. O poeta alude às batalhas de poesia promovidas em sua cidade, exaltando os talentos que nelas surgem. Marley também faz menção à identificação que ocorre entre as pessoas que participam dos eventos. Para Dias (2018), a aglomeração entre pessoas marginalizadas produz uma força que promove a resistência como prática da reexistência no lugar em que vivem. A posição de exclusão se torna ferramenta de denúncia e reflexão (HINKEL E MAHEIRE, 2017 apud DIAS, 2018, p.29), tomando forma de poesia no caso do Slam.

É perceptível a capacidade que o Slam tem de se propagar rapidamente. O ano de 2017 marca essa força que o movimento ganha no Nordeste, ano em que, como já referi, muitos Slams foram organizados.

Slam DéF.

Brasília, em março de 2015.

A todas as Dandaras, as verdadeiras guerreiras, que não estão na capa da revista Caras. Nagôs, Malês... tua energia vira poesia nos versos de Elisa Lucinda. É bem-vinda a sabedoria que você traz, os axés dos Orixás que você ensina são como ancestralidade de Macota Valdina, abolicionista como Adelina e Maria Firmina dos Reis [...]. Mulher preta, eu sei que é muita treta viver num mundo machista, onde o homem não te respeita. O ponto de vista menospreza a cor da tua pele e só te querem pra mulata Globeleza ou pra mulata do Sargeteli. E quem assiste vê que a novela insiste em fazer de você fetiche sacana da negra mucama na cama ou como ama da casa grande [...] mas eu sou mais Ruth de Souza e Zezé Mota, porque aqui as filhas do vento nunca perderam a rota. (Trecho do poema Filhas do Vento, de Wander Pavão, vencedor da primeira edição do Slam DéF) (JUNIO, Entrevista sobre Slam DéF, via email, Tamires Prestes, 1/2023).

Em 2015, no Distrito Federal, existiam poucos eventos relacionados à poesia, como saraus e feiras. Will Junio, na época com 25 anos, percebia a falta que a cena poética

fazia em seu estado, mesmo havendo alguns espaços para a declamação de poesias nas batalhas de rima das quais participava, sentia a necessidade de criar um espaço exclusivo para que poetas da região pudessem dividir seus textos. Will vivenciava muito os eventos culturais da região da cena do hip hop, era mc de batalhas, apaixonado por improviso, mas também era apaixonado por poesia.

Nessa época, nós tínhamos poucos encontros em que a galera se reunia para ouvir poesia escrita e declamada, que não fosse o improviso. E eu ficava: “pôh véio eu queria tanto recitar algumas poesias.” Claro, nas batalhas havia esse espaço também, mas era bem pouco, a galera não se interessava tanto, todo mundo tava ali pra ver batalha (JUNIO, Entrevista sobre Slam DéF, via email, Tamires Prestes, 1/2023).

Ainda no ano de 2015, Will participou da Batalha do Neurônio, em Itaguatinga, onde assistiu a um poket show de Roberta Estrela D’Alva. “Eu não a conhecia na época. Ela declamou várias poesias, fez performances e, em um dado momento, ela falou sobre Slam, explicou o que era. E aquilo me encantou muito! E eu falei: Cara, é disso que o DF tá precisando! (JUNIO, Entrevista sobre Slam DéF, via email, Tamires Prestes, 1/2023)”.

Will ficou realmente muito interessado na cultura do Slam, que para ele era uma novidade. Assim que acabou o show, o mc procurou Roberta para entender melhor sobre o movimento.

Ela achou o máximo o meu interesse pelo que ela tinha mostrado em sua apresentação. E nós marcamos uma reunião virtual pra que ela pudesse me explicar melhor, mostrar as regras. Nós tivemos esse bate-papo. E ela se prontificou a ajudar na organização da primeira edição do primeiro Slam do Distrito Federal (JUNIO, Entrevista sobre Slam DéF, via email, Tamires Prestes, 1/2023).

Percebendo que seria difícil organizar um evento sozinho, o mc, que hoje é professor de língua portuguesa, convidou os amigos Dj Chris e Guilherme para fazerem parte do projeto. A busca por um local para colocar o evento em prática foi um desafio. Então, Estrela D’Alva auxiliou o grupo nessa busca, e através de um amigo encontrou a primeira casa do Slam DéF, um estabelecimento chamado Raízes Bar, situado na Asa Norte, um bairro boêmio de Brasília.



Fonte: Facebook (2015).

A primeira edição do Slam DéF, precursor do movimento no Distrito Federal, foi no dia 3 de março de 2015 e teve como vencedor o poeta Wander Pavão.

Ilustração 17 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam DéF

**BATALHA  
— DE —  
POESIA  
SLAM-DF**

**PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:**

**ROBERTA ESTRELA  
D'ALVA - SP**

ATRIZ, POETA E RAPPER. 3º LUGAR NA COMPETIÇÃO INTERNACIONAL POETRY SLAM EM 2011. APRESENTADORA E IDEALIZADORA DO ZAP! ZONA AUTÔNOMA DA PALAVRA.

**16 PARTICIPANTES  
MIC ABERTO**

**DIA 03 DE MARÇO**

LOCAL: RAÍZES BAR - ENDEREÇO: SCLN 408,  
BLOCO D, LOJA 40 - ASA NORTE.

Fonte: Facebook (2015).

Ilustração 18 - Imagem 1ª edição Slam DéF



Fonte: Facebook (2015).

Na primeira edição, o evento se chamava Slam DF, uma vez que o coletivo ainda não havia conseguido pensar em um nome mais criativo, mas isso mudou após o primeiro contato com a plateia.

Na primeira edição eu observei que a plateia, quando gritava “Slam DF” colocava ênfase na pronúncia do “é”. Aí eu falei: Opa, gostei disso aí! Pedi, então, a opinião da Roberta e ela disse: Pô, sensacional! Dahora demais, esse nome aí é muito top! Então surgiu o “Slam DéF” (JUNIO, Entrevista sobre Slam DéF, via email, Tamires Prestes, 1/2023)

O Slam DéF foi promovido por diversas vezes no Raízes Bar, mas a ideia que Will e os amigos tinham era levar o Slam para várias cidades do Distrito Federal, então o coletivo organizou edições em muitas comunidades da região, longe do Raízes Bar: “Mas chegou uma época em que nós começamos a sentir a necessidade de uma casa para o Slam DéF, precisávamos de um lugar fixo. Nós fazíamos as edições e o público que chegava junto não era um público “do slam”, era o público daquele local (JUNIO, Entrevista sobre Slam DéF, via email, Tamires Prestes, 1/2023).”

Foram diferentes tentativas de firmar um lugar: “Tentamos fazer no museu, foram poucas pessoas. Tentamos fazer na Casa de Cultura, em Santa Maria, e, por fim, acabamos fazendo uma pausa de 1 ano (JUNIO, 2023, entrevista).” O fim da pausa e das buscas por um lugar fixo acabou quando a Biblioteca Salomão Malina entrou em

contato com a equipe do Slam DéF, a fim de organizar uma edição de aniversário da biblioteca.

Fizemos a edição e, dessa iniciativa, surgiu um casamento perfeito! Nós apresentamos um projeto e a administração da Salomão Malina gostou muito e desde então o Slam DéF acontece na biblioteca. Eu fiquei muito contente por ter uma biblioteca patrocinando, incentivando e acreditando num evento que surgiu das ruas (JUNIO, Entrevista sobre Slam DéF, via email, Tamires Prestes, 1/2023).

Atualmente, o Slam DéF é organizado por Will Junio, idealizador do projeto, Sanduba Fullframe (fotógrafo), Dj Poto e a equipe da biblioteca Salomão Malina. Através desse projeto também foi publicado o primeiro livro sobre Poesia Slam no DF, o “Slam-DéF – palavras em liberdade”, que reuniu 14 poetas locais.

Kaninez é um dos poetas atuantes no Slam DéF, cuja temática de sua poesia é o seu cotidiano como vendedor ambulante no Distrito Federal:

Comércio ambulante

Quem já andou de metrô em Brasília, com certeza conhece esse trabalho  
O ofício diário e suado de quem tá no corre no trocado.

Trabalhador que está sempre na luta.

Vendendo fone, trufa, chiclete, jujuba

Indo de vagão em vagão de estação em estação

E a toda hora, uma cara de desprezo que esnoba

Não bastasse a perseguição da fiscalização

Ainda tem que engolir gente que olha de cara torta

E tem ainda os alma sebosa, que denuncia.

Sem ter um pingo de empatia com quem está ali na correria.

Quem se arrisca todo dia ter mercadoria apreendida

Não está ali porque quer ou acha bonito

Tá ali porque precisa

Vim trazer para vocês o relato de quem na pele sente

Como é trabalhar honestamente

E ser tratado como delinquente

A gente vive na tensão o dia inteiro

Se esquivando dos guardinha de preto

Corpo de segurança operacional

(...)

Vê a gente com as gominha de eucalipto

Já vem na truculência, cheio de autoritarismo

Chamam de vagabundo e tratam que nem bandido

Quando a gente está ali fazendo um trabalho digno

Tem muita gente que sobrevive disso

Que vende balinha pra não acabar no crime

Eu prefiro ser ver vendedor em coletivo

Ganhando dinheiro de modo justo

Do que entrar tirando o cano, assaltando e dando tiro.

(...)

Existe uma voz no metrô, que fala

O comércio ambulante é proibido no metrô.

Não incentive essa prática.

(...)

Que contribuam sim, com o comércio ambulante

Vocês estão salvando vidas.<sup>16</sup>

Na poesia, o poeta brasileiro fala sobre a sua identidade como comerciante no metrô, em Brasília, e denuncia a marginalização sofrida pela sociedade, reforçando a possibilidade de colocar em xeque o seu cotidiano através de inquietações e questionamentos em formato de poesia (GUNUTZMANN, 2017).

Kaninez sente na pele os julgamentos dos passageiros do metrô, além de sofrer com as violências causadas pela fiscalização. “Considerando que as cidades são produzidas sob a lógica capitalista, isso molda o espaço urbano” (HARVEY, 1978; 1989; apud GUTZMANN, 2017, p. 21), criando no imaginário social um perfil de cidadãos entendidos como não consumidores padrão das cidades por não utilizarem os equipamentos privados e, conseqüentemente, dos espaços cercados pela ideologia político econômica norteadora (GUNUTZMANN, 2017). Tal ideologia é sustentada pelo mecanismo perverso de controle dos mais pobres, atribuindo a essas pessoas uma série de atributos pejorativos (GUNUTZMANN, 2017) a quem exerce determinadas funções na sociedade, “principalmente se negra ou negro” (GUNUTZMANN, 2017, p.26). O vendedor ambulante reflete ainda a respeito do quanto o trabalho desenvolvido por ele e outras pessoas salva vidas por ser uma opção que as distancia do crime.

No ano de 2015, as competições de poesia falada já movimentavam, além do Sudeste, o Centro-Oeste e o Nordeste inteiro. No ano seguinte, a Poesia Slam chega ao Sul do Brasil, com a criação do Slam do Verbo Divino.

## Slam Verbo Divino

Paraná, fevereiro 2016.

Penso, imagino e planejo meu futuro  
 Fajuto! O complexo absurdo, com destino traçado, ditado, amargo  
 Controle na mão dos capitães do mato  
 É, amigo, você já virou passado, tá no mercado humano  
 Cuidado, pra viver o hoje, depende muito do passado  
 Se não me diz quem te ensinou os seus primeiros passos  
 E no ônibus, eu vejo vários operários  
 Cansados, com fardo amargo  
 Heróis brasileiros apagados  
 História do Brasil, índios colonizados [...]  
 (Trecho de texto recitado pelo poeta Bocones na 1ª edição do Slam do Verbo Divino) (Facebook Slam Verbo Divino, 2020)..

Na região sul do Brasil, o Slam também se espalha por todos os cantos. Essa “tomada” do Slam nesses estados é especialmente significativa por se tratar de espaços sabidamente mais conservadores e elitistas. O Sul do Brasil se mostra cada vez mais uma região extremamente reacionária e, justamente por isso, as pautas atravessadas pelo Slam se fazem importantes nesses estados. No ano de 2017, em Santa Catarina, a Poesia Slam transforma, ainda que minimamente, mais um estado conhecido por seu conservadorismo.

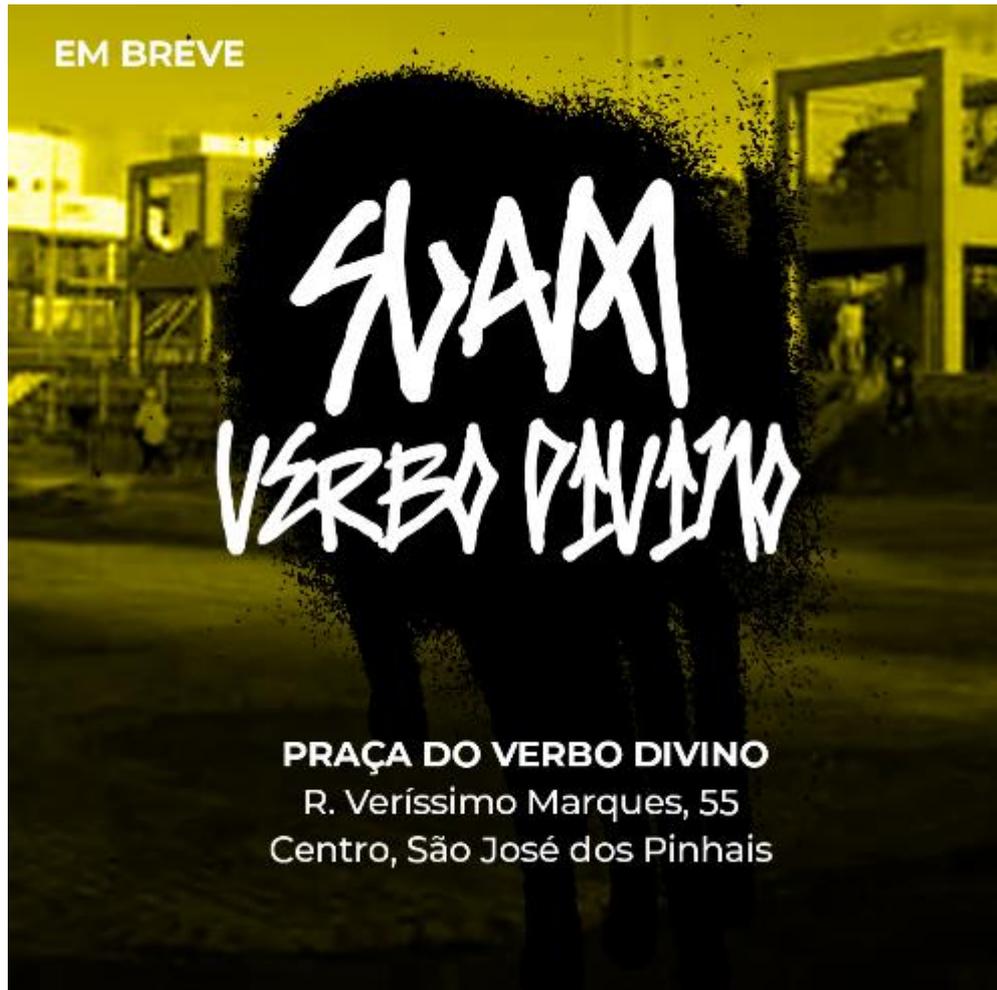
Um dos nomes dessa transformação, no Paraná, é Vinícius Oliveira, artista, cantor, compositor, produtor cultural e um dos organizadores do projeto Griot. Vinícius foi atuante em diversos projetos culturais em São José dos Pinhais, como programas de rádio poéticos, eventos poéticos na comunidade. Foi através de vídeos da internet que ele conheceu a poeta Mariana Félix, em uma de suas participações no Slam Resistência de São Paulo: “Logo que assisti, comecei a pesquisar sobre o assunto e me interessei a ponto de criar algo parecido em São José dos Pinhais. Eu já tinha alguns projetos envolvendo poesia, inspirados no Cooperifa, de Sergio Vaz; e no Parada Poética, de Renan Inquérito. (OLIVEIRA, 2023, entrevista)”

Através de projetos culturais organizados na década de 2010, Vinícius Oliveira conheceu outros poetas e escritores e, com o objetivo de oportunizar, facilitar e ampliar o encontro entre essas pessoas, criou o primeiro Slam do Paraná. “As vivências na cena da cultura de São José dos Pinhais me aproximaram de pessoas que escreviam de puro entusiasmo, assim como eu, mas que não tinham espaços para apresentar seus versos (OLIVEIRA, 2023 entrevista)”.

Como parte da intenção de aproximar frequentadores da Praça Central do Verbo Divino, Vinícius convidou seus amigos Alexandre Ynoc e Allan Plínio, frequentadores da pista de skate da praça. Além desses dois amigos, também participou desse projeto a artista e fotógrafa Danielle Lima, que atualmente é uma das organizadoras do Slam das Gurias, de Curitiba.

A primeira edição do Slam Verbo Divino aconteceu em fevereiro de 2016. O evento contou com 9 poetas.

Ilustração 19 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam Verbo Divino



Fonte: Oliveira (2023).

A vencedora, que recebeu um livro como premiação, foi Giovana Rosa, hoje fundadora do Slam Contra-ataque, também de Curitiba.

Ilustração 20 - Imagem 1ª edição Slam Verbo Divino



Fonte: Oliveira (2023).

Ilustração 21 - Imagem 1ª edição Slam Verbo Divino



Fonte: Oliveira (2023).

Na 4ª edição do Slam Verbo Divino, a poeta Mare Castro discute sobre sua identidade como mulher cidadã de São José dos Pinhais:

(...)  
 cêis já tiveram medo de ser abusada pela polícia?  
 Eu já.  
 (...)  
 É uma loucura, não é?  
 Acostumar a andar com medo, mas preparada.  
 Em rua escura, cabreira.  
 Quando vê a viatura, apavorada  
 Será que eu tenho flagrante?  
 Eu não lembro, eu tô chapada?  
 Eu só queria que acabasse os abusos  
 Não só de autoridade, mas de homem sem escrúpulo  
 Chega de assédio  
 Vocês nem acredita no feminicídio.  
 Nunca vi mulher morrer por ser mulher.  
 (...)  
 Vocês passam um pano para o brother, que mexe com a mina na rua para o  
 que compartilha foto da bunda de mina alcoolizada  
 Isso acontece na frente de vocês e vocês não fazem nada,  
 pode parar de fingir que não estão vendo, rapaziada  
 (...)  
 E além de tudo, querem nos manter trancada porque vocês não aguentam  
 quando vê uma raba  
 (...)  
 (Facebook Slam Verbo Divino, 2020)

Castro traz à tona em seu texto as dificuldades vividas pela mulher em atividades banais como andar na rua à noite, pelo risco de sofrer abusos. A poeta denuncia, ainda, o medo imposto por autoridades que deveriam representar a segurança da população, mas que por serem homens acabam simbolizando o iminente perigo. No poema apresentado, o andar na rua se torna a representação do medo. A cidade se materializa como algo que viabiliza os abusos sofridos por mulheres.

Os Slams, portanto, desde que chegaram ao Brasil, se constituíram como um sólido instrumento de reafirmação das identidades exercidas por meio dos locais ocupados por pessoas excluídas do padrão imposto pela sociedade, como pretos, mulheres, transexuais, homossexuais, obesos, pobres etc. Isso tem mudado o cenário denunciado por José Falero (2020), ao dizer que a literatura no Brasil é extremamente elitista. Segundo o autor, os livros não falam sobre as preocupações do dia a dia de pessoas periféricas, não retratam a realidade de quem transita por ambientes violentos. Nada ali reflete o que é a realidade para os periféricos (FALERO, 2020). Concorda com Faleiro a professora Regina Dalcastagnè, coordenadora de um projeto que mapeou a literatura editada no Brasil, no período entre 1990 e 2004, como sendo

um espaço de protagonismo, nos textos, de homens brancos. Além disso, afirma Dalcastagnè que sua pesquisa mostra que a literatura brasileira privilegia espaços elitizados. Diz ela: “na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou aqui falando de produtores literários, mas a falta se estende às personagens” (2012, p. 18)

A importância da literatura apresentada no Slams, portanto, está em produzirmos um tipo de texto em que pessoas marginalizadas consigam perceber que suas vivências também são dignas de serem contadas, que as dificuldades experienciadas, por exemplo, dentro do transporte público também podem virar texto, que as lutas pela falta de dinheiro também podem ser poesia. E o resultado disso nessas pessoas é algo incrível! (FALERO, 2020) A poesia Slam provoca o sentimento de pertencimento por ser um espaço livre para a manifestação de identidades vividas em todos os lugares.

Existem alguns coletivos de Slam onde predominam poemas que afirmam determinadas identidades, como o Slam das Minas, que se espalhou pelo Brasil. No capítulo a seguir, pretendo analisar, de forma mais aprofundada, poemas a respeito das identidades feminina e negra.

### 3. A VOZ DAS MARGENS E A AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES

Atualmente, o Slam tem uma base muito forte nas questões de gênero e raça (D'ALVA, 2017), contribuindo para a democratização da cultura, do reconhecimento e da validação das culturas populares. Dessa forma, vem crescendo “o interesse pela margem, pela periferia, pela diversidade, pela heterogeneidade e pela alteridade em detrimento de uma visão etnocêntrica, única, homogeneizadora e ‘monoidentitária’” (AMODEO; HEINEBERG, 2019, p. 429), favorecendo a reparação das consequências do epistemicídio, que anulou os saberes e os costumes de povos indígenas, pretos, das mulheres cis e trans e da população periférica e LGBTQIA+. As competições de poesia falada significam representatividade para os “outros”.

Para a branquitude, o sujeito negro é o outro em relação a ele, ou seja, o retrato de tudo o que a pessoa branca não quer ser (KILOMBA, 2019). O negro é sempre colocado como “outro” e nunca como “eu” (KILOMBA, 2019). Segundo Djamila Ribeiro (2018), citando Simone de Beauvoir, nenhuma coletividade se define como “uma” sem posicionar a “outra” diante de si. Por exemplo, “os judeus são “outros” para os antissemitas, os negros para os racistas, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários” (RIBEIRO, 2018, 148).

Todos os “outros” são representados no Slam: aqueles que foram rejeitados, marginalizados, subestimados; os que tiveram suas culturas e seus costumes excluídos e desconsiderados; pretos, pobres, indígenas, cis, trans, mulheres, homossexuais etc. Segundo Estrela D'Alva: o Slam é o espaço da diversidade. O Slam é o espaço que qualquer pessoa chega, qualquer pessoa se inscreve, qualquer pessoa fala, não precisa de credencial nenhuma, não precisa de estilo nenhum, não precisa de estudo nenhum, nem de pré-requisito nenhum. Todas as pessoas são bem-vindas (ESTRELA D'ALVA, 2017). A poesia Slam propaga uma mensagem de luta e resistência, mas o propósito do Slam não se delimita a isso; a roda de Slam é um encontro de pessoas diversas que carregam ideais e ideologias comuns.

O campeonato de poesia falada corresponde a um encontro de sujeitos; todos, por algum motivo, discriminados, que carregam pautas emergentes das opressões, do racismo, da miséria, entre outras questões importantes. O que acontece em um evento de Slam se torna muito significativo para a luta antirracista, uma vez que, sem luta e resistência negra, muitas pessoas negras (e todas as outras) não alcançam uma

visão de mundo que afirme e celebre a negritude (hooks, 2019). Tal movimento funciona como ferramenta de denúncia, protesto e luta contra o impedimento de falar no âmbito da repressão colonial e racial (KILOMBA, 2019). É o momento em que os oprimidos são ouvidos.

Nas batalhas de poesia, dentro daquela roda, onde marginalizados se reúnem, a máscara do silenciamento (KILOMBA, 2019) é superada, a palavra nos pertence, e o senso de mudez não se aplica, porque nesse espaço não existe medo, censura nem silenciamento.

Segundo Kilomba (2019), o lugar de outridade, no qual os negros são colocados, ao contrário do que a sociedade acredita, não significa falta de resistência ou interesse, mas sim a privação de oportunidades, sofrida pela população negra. Luz Ribeiro (2016), poeta e organizadora do Slam das Minas SP, vê o Slam como uma ferramenta para dar munção, que tem importância para ela como mulher negra, periférica e bissexual, por ser o seu lugar de fala ativa. A Slammaster diz, ainda, no documentário “Slam das Minas - Seja Heroína, Seja Marginal”, que o Slam das Minas, criado em 2016, é um lugar de acolhimento, resistência e afeto.

As competições de poesia falada são espaços onde diversas identidades são afirmadas, mas principalmente as identidades do negro, da mulher e da mulher negra. Beauvoir (2009) associa o papel imposto à mulher e ao negro no corpo social, visto que são mantidos em um lugar de submissão. Enquanto para Simone de Beauvoir (2009) a mulher é o outro em relação ao homem, para Grada Kilomba (2019) o negro é o outro em relação ao branco, e a mulher negra é o outro do outro por viver em estado de subjugação relativamente aos homens e às mulheres brancas.

Na última década foram desenvolvidas diversas organizações de Slam que atravessam questões de gênero, raça e classe. Tais direcionamentos evidenciam situações vivenciadas por identidades marginalizadas, as quais podemos chamar de “outros”. Por isso, dissertarei, neste capítulo, a respeito da afirmação das identidades nos principais campeonatos de poesia do Brasil, atrelando tal assunto ao conceito de outridade criado por Beauvoir e discutido por Kilomba; bem como relacionando essas ideias ao pensamento sobre identidades, de Stuart Hall.

### **3.1 Silêncio! As Minas querem falar**

Não duvide da minha ciência  
Tenho a sabedoria das minhas ancestrais

Sei de classes gramaticais e até de literatura  
 Mas, para a sociedade, minha morfologia é libidinosa  
 Não me vejo como preta raivosa!  
 (Tami Prestes, 2021)

O MUNDO sempre foi de posse dos machos! (BEAVOIR, 2009) Simone de Beauvoir não cometeu nenhum excesso ao proferir tal afirmação. Desde que temos conhecimento, a mulher foi relacionada a algo frágil, sob o qual o homem tinha domínio, “não sendo considerada um ser autônomo” (BEAVOIR, 2009, p. 179). A subjetividade da mulher é reduzida às condições biológicas. Ter ovários e útero (BEAVOIR, 2009) é o que nos aprisiona à masmorra do patriarcado.

Essa limitação da subjetividade feminina imposta pela sociedade, citada por Beauvoir, atinge diretamente na afirmação das identidades da mulher, que por muito tempo foi reduzida unicamente àquilo que privilegiava os homens: a figura da dona de casa, mãe e objeto sexual. A mulher contemporânea não representa na atualidade tal “identidade única e estável” (HALL, 2006, p.179), ela é “fragmentada, composta não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (HALL, 2006, p.179). A modernidade tardia, termo apresentado por Giddens (2002), faz com que essas identidades consolidadas no imaginário social entrem em declínio, possibilitando o surgimento de novas identidades (HALL, 2006). A história revela-nos que os homens sempre possuíram o poder (HALL, 2006) e, por meio disso, construíram e impuseram uma identidade feminina (HALL, 2006), que acabou enraizada nas estruturas sociais. Entretanto as mulheres da contemporaneidade têm lutado para conquistar respeito e o direito de manifestar suas diversas identidades.

A Poesia Slam tem sido uma forte ferramenta nessa luta, por isso, neste capítulo, refletirei sobre gênero e as diferentes identidades reforçadas no Slam. Com isso, vale ressaltar que o primeiro coletivo organizado no Rio Grande do Sul, um dos estados mais machistas do Brasil<sup>17</sup>, foi o Slam das Minas, uma competição pensada apenas para mulheres cis e trans.

Slam das Minas/RS

Rio Grande do Sul, dezembro de 2016.

Cadeia Produtiva  
 Atrás da roupa exclusiva, alguém trabalha

Ouro em alta  
Qual a tendência, para a próxima temporada?

Mão calejada, mão de obra barata que ganha migalhas  
A cada ponto de linha, uma vida é apagada

Varejo, importação aumenta produção, liquidação  
Quem fez? Quem vende? Quem compra? [...]  
(Trecho do poema cadeia produtiva, de Lella Alves, uma das idealizadoras do Slam das Minas/RS) (Slam das Minas, 2020)

Por volta da década de 2010, um grupo de mulheres da cultura Hip Hop, mcs, grafiteiras, djs, b.girls, participantes do grupo de rap de Porto Alegre Rap4Love, reuniram-se para criar o Slam das Minas/RS. Esse coletivo de artistas tinha o objetivo de viabilizar o protagonismo das mulheres na cena do hip hop, que é marcada pelo machismo e visibilidade majoritariamente masculina. Por seguir essa mesma linha de raciocínio, o primeiro Slam do Rio Grande do Sul foi pensado para que apenas mulheres organizassem, assim como para que as batalhas também fossem construídas exclusivamente por mulheres cis e trans:

Em entrevista publicada no site Medium, Daniela Alves, uma das cofundadoras do encontro na capital gaúcha, conta sobre a criação do Slam das Minas, que surgiu “da necessidade de recuperar e fomentar espaços de construções coletivas através de trocas de experiências entre mulheres poetas da cidade e região metropolitana”. Ainda nessa entrevista, uma das organizadoras do encontro, Crua (como prefere ser chamada) define o Slam das Minas – POA como um lugar de troca, de compartilhamento, de aprendizado. Representa a poesia que nasce e vem da rua. Quando a gente compartilha dessa forma, o peso dela já não é mais o peso de ter que escrever um livro para ser reconhecida. É o de ter tido a vontade (e muitas vezes a coragem) de compartilhar um pensamento, um protesto, um sentimento com tanta gente. Ela em si mesma é o peso. A poesia é o que nasce, renasce, cria e se reinventa. Dentro e fora de nós. (Crua) (CRUZ, p. 134, 2019).

Tal configuração proporciona uma antítese diante do protagonismo masculino presente em muitos espaços, já que é um local em que as competidoras ocupam posição de evidência (CRUZ, 2019).

Através da voz, as poetisas compartilham na roda suas vivências, trazem questionamentos políticos e sociais, expõem seus sentimentos pessoais, assim como trazem à tona percepções coletivas. Colocar-se em evidência é um ato de coragem e empoderamento para as competidoras, pois, historicamente, é incomum que mulheres estejam em posições de protagonismo (CRUZ, p.134, 2019).

Com o grito “Poesia contamina: Slam das Minas”, a primeira edição do Slam das Minas/RS aconteceu em dezembro de 2016, na Praça da Matriz, situada na capital do

Estado, Porto Alegre: “O encontro reuniu representatividades de diversos núcleos culturais da cidade de Porto Alegre e região metropolitana, além de ouvintes e observadores” (ALVES, 2023, entrevista).

Ilustração 22 - 1ª edição Slam das Minas/RS



Fonte: Facebook (2016).

A partir de fevereiro de 2017, o Slam das Minas/RS passou a acontecer todo segundo sábado do mês.

A organização do Slam desde o início foi construída na prática. Com as necessidades, começamos também a nos apropriar de demandas teóricas, como a história do movimento Poetry Slam e regras. Também começamos a nos informar sobre editais e outras políticas públicas relacionadas à cultura, acesso à leitura, difusão (ALVES, Entrevista sobre Slam das Minas, via email, Tamires Prestes, 1/2023).

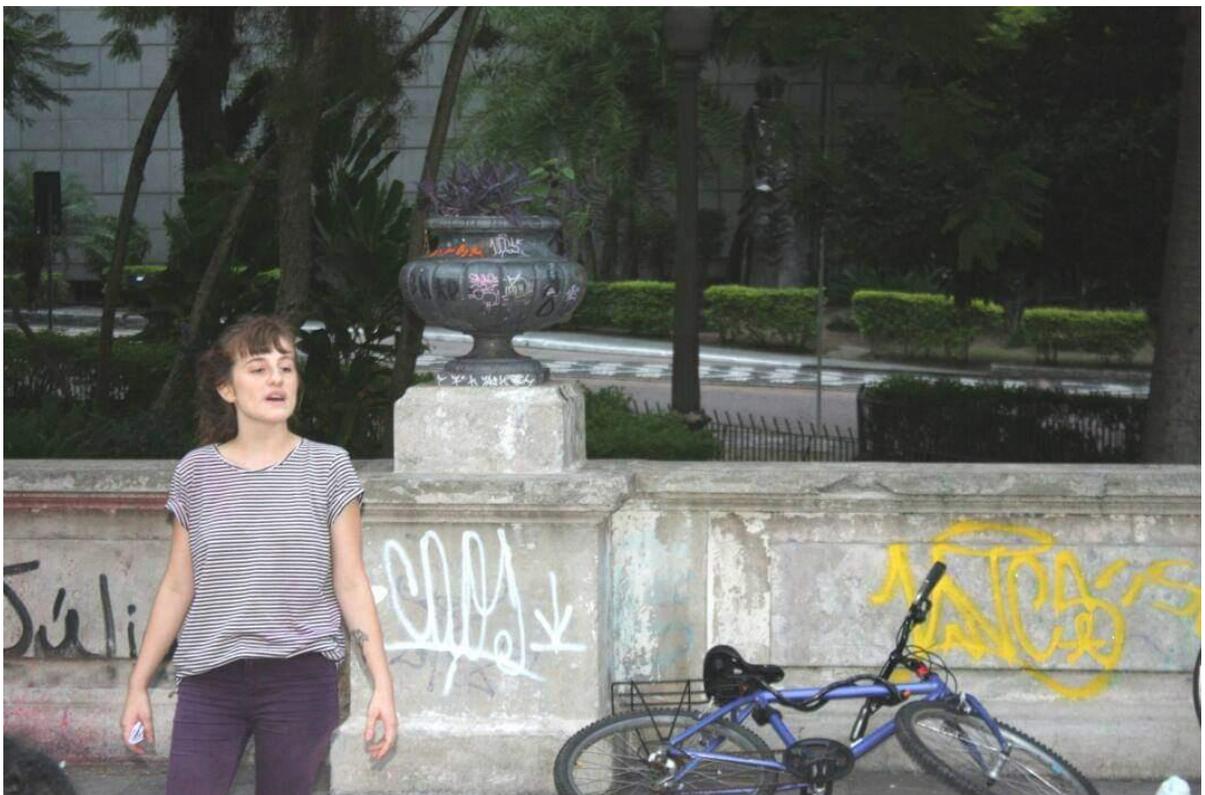
Para que outros públicos não femininos também pudessem contribuir de alguma forma, as organizadoras decidiram que essas pessoas poderiam participar do verso livre (espaço para pessoas que não querem competir).

Tinham muitos manos a fim de somar com as manas, aí inserimos o verso livre, um espaço para outras pessoas que não queriam participar da competição, então os manos começaram a colar e fortalecer o nosso

movimento também (ALVES, Entrevista sobre Slam das Minas, via email, Tamires Prestes, 1/2023).

A primeira formação do Slam das Minas/RS era composta por Lella, Vanessa GirlLove, Pagu, Paula, Crua, Verte, Mandaluna e Juliana. No Rio Grande do Sul, o Slam das Minas/RS foi o precursor. Posteriormente, em 2017, iniciaram as atividades do SLAM-RS, bem como do Slam Peleia, Slam Chamego (poemas sobre amor); e Slam do Gozo (poesias eróticas) em 2018 (CRUZ, 2019).

Ilustração 23 - Imagem 1ª edição Slam das Minas/RS



Fonte: Facebook (2016).

Embora diversos fatores até hoje impeçam a atuação efetiva de muitas mulheres nas batalhas de poesia, os anos de 2016 e 2017 marcaram a história desse movimento com o protagonismo feminino. Em 2017, o Slam Dandaras do Norte, inicialmente frequentado exclusivamente por mulheres, iniciou a trajetória do Slam na Amazônia.

#### Slam Dandaras do Norte

Pará, abril de 2017.

[...] Mas o que aconteceu?  
 Cabelo de preto afronta da raiz à ponta  
 Escravidão só mudou de nome  
 Mas isso a história não conta  
 Vem com essa cara pálida sonsa  
 me dizer como está pronta para ser recatada do lar e santa

Enquanto isso, eu vou me moldando,  
sou uma planta desenhada por um carrasco, eu me sujeito  
e tu me diz  
é desse jeito que tu quer ser aceito?[...]  
(Documentário Slam Dandaras do Norte | Parte I)

Joseane Franco Teles, conhecida também como Shaira Mana Josy, é rapper, Mc, poeta, capoeirista, produtora cultural, técnica em enfermagem, pedagoga e graduanda em Letras pela UFPA, compõe os coletivos “Marias” e “Cedenpa”. Joseane iniciou no movimento hip-hop de Belém do Pará no ano de 1998, realizou vários eventos como “Abril pro hip-hop Jurunas” e fundou diversos coletivos voltados para o fortalecimento das mulheres dentro do hip-hop, como o “Cia H2F” e “Senzala Urbana”. Além disso, é a mulher mais antiga no movimento hip-hop de Belém do Pará, sendo autora dos livros de poesia marginal “PoEusia” e “Poesia que Protege para ler, brincar e alertar”. Ao longo de sua trajetória, Shaira Mana Josy realizou eventos e criou projetos voltados para o fortalecimento de mulheres, bem como a luta contra a violência doméstica e de gênero.

Porém, na maioria das vezes, as mulheres não tinham forças para permanecer ou integrar os projetos, mas após análise das minhas próprias escritas poéticas contidas no rap autoral, percebi que seria possível agregá-las entorno da poesia (TELES, Entrevista sobre Slam Dandaras do Norte, via email, Tamires Prestes, 1/2023).

Durante suas pesquisas, Shaira assistiu a um vídeo sobre poetry slam no YouTube e enxergou nesse movimento uma alternativa para construir um lugar de escuta para mulheres do Belém do Pará.

A intenção de criar este tipo de atividade em Belém do Pará surge da percepção da invisibilidade das mulheres em determinados espaços públicos do município e no movimento hip-hop. Houve um período em que competições de rimas improvisadas as chamadas “batalhas de Mc’s”, cresceram bastante, porém esse espaço passou a ser um local de predominância masculina, por esse motivo os termos usados nas expressões orais tinham conteúdo altamente depreciativo e machista, tornando desse modo o espaço desconfortável e inacessível ao público feminino (TELES, Entrevista sobre Slam Dandaras do Norte, via email, Tamires Prestes, 1/2023).

Assim, em abril de 2017, com o grito “Guerreiras, rainhas, mulheres de resistência. Dandaras do Norte, só slam de consciência”, surgiu o Slam Dandaras do Norte, primeiro coletivo do segmento na Amazônia.



Fonte: Instagram (2017).

O evento era organizado, na época, por Shayra Mana Josy, idealizadora do campeonato, Ana Suave e DJ Ananindeusa.

A primeira edição foi um sucesso, realizada no espaço chamado Quilombo da República, na Praça da República e de propriedade do Cedenpa. Muitas mulheres participaram, foi tudo organizado por mulheres. Além do slam propriamente dito, teve performance corporal, capoeira e pocket Show (TELES, Entrevista sobre Slam Dandaras do Norte, via email, Tamires Prestes, 1/2023).

No primeiro ano, as atividades eram mensais, sempre aos domingos, em diversos lugares do Belém do Pará, como Centur, Casa Vermelha, entre outros. A partir do ano de 2022, o Dandaras do Norte passou a ser protagonizado por pessoas de todos os gêneros. A criação do Slam Dandaras intensificou a autoria feminina da região. Além disso, a iniciação do poetry slam no Belém do Pará fortaleceu a cena do rap, uma vez que muitos poemas que surgiram no slam se tornaram músicas. “O Slam Dandaras do Norte fez parte da cena do RAP e da história de Belém.”

O projeto realizou mais de 14 edições, 4 rodas de diálogo e proporcionou a participação em eventos nacionais como a Flup, Encontrão poético na cidade de São

Paulo, apresentação de trabalho acadêmico na UFAM, participação no canal GNT. Além dessas atividades, o projeto Slam Danadoras do Norte gravou um documentário que leva o próprio nome após ter sido contemplado com prêmio de fomento à cultura SEIVA da Fundação Cultural do Estado do Pará.

Ilustração 25 - Imagem 1ª edição Slam Danadoras do Norte



Fonte: Facebook (2017).

Assim como no Rio Grande do Sul e no Pará, o estado de Pernambuco também teve o início do Slam marcado pelo protagonismo feminino.

Slam das Minas/PE

Pernambuco, agosto de 2017.

Todas as mulheres  
são pássaros  
que o patriarcado  
tenta aparar as asas  
em cada grito  
sufocado  
na vigilância às minissaias  
ou na proteção  
concedida

ao brother canalha  
 assim mesmo  
 muitas e muitas  
 asas aparadas  
 levantam voo

(Bell Puã, poeta representante do Slam das Minas-PE e vencedora do Slam nacional em 2017) (Facebook Slam das Minas-PE, 2017)

No ano de 2017, Pernambuco era ocupada por alguns movimentos de poesia, entretanto as mulheres que participavam desses espaços, percebendo a majoritária presença masculina e episódios de machismo, sentiram a necessidade da criação de um espaço seguro em que a presença feminina fosse exclusiva. A partir de tal urgência, o Slam das Minas-PE foi criado por Patrícia Naia e Amanda Timóteo poetas e produtoras culturais pernambucanas. A ideia inicial era criar um sarau feminino, porém Patrícia Naia conheceu a cultura slam através do Slam do Zap e idealizou o início do movimento em Pernambuco. A primeira edição do Slam das Minas aconteceu na rua Aurora, próximo ao monumento Tortura Nunca Mais, em agosto de 2017.

Ilustração 26 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam das Minas-PE



Fonte: Instagram (2017).

A partir dessa data, o Slam das Minas ocupou diversos lugares do estado, sendo o primeiro coletivo de Pernambuco a participar da competição nacional, tendo como vencedora a poeta Bell Puã.

Ilustração 27 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam das Minas-PE



Fonte: Instagram (2017).

Ilustração 28 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam das Minas-PE



Fonte: Instagram (2017).

Durante toda a história da humanidade, a vida das mulheres sempre foi atravessada pelo sexismo. O Slam como um lugar de protesto e afirmação de identidades levanta, através das poesias recitadas, diversas questões vivenciadas por mulheres periféricas.

A poeta Verte no poema “Não!” (Slam das Minas, 2020, p.24) aborda algumas dessas questões:

Por nenhuma mulher eu dou minha cara a tapa,  
 Nesse bando de mulheres não vai ter nenhum tapa.  
 Nem na cara,  
 Nem na bunda,  
 Nem lugar que sem concepção alguém colocar a mão.  
 Não justifica ser piada ou ser ironia,  
 Com machismo e misoginia não se brinca.  
 Pode ser no fim na noite,  
 Poder ser em uma festa,  
 Pode ser no ônibus,  
 Havendo abuso, eu vou reagir.  
 Não importa se é comigo,  
 Não importa o meu tamanho,  
 Eu vou reagir!  
 Sou pequena e sou magrinha  
 Mas tu não sabe aqui dentro da raiva que não é só minha,  
 É minha e é delas,  
 É por mim e é por elas. (Slam das Minas, 2020, p.35)

Verte reflete neste trecho as violências vividas pela mulher a respeito das diversas agressões físicas sofridas diariamente, principalmente no Brasil, onde uma mulher é vítima de violência a cada quatro horas (FERREIRA, 2023). Entretanto, as violências sofridas pelo sexo feminino não se limitam às físicas ou especificamente ao ato da importunação sexual, mas também às violências “invisíveis”. BOURDIEU (1999) reflete sobre a “violência simbólica” o tipo de violência que consiste em subjugar, tornando o corpo da mulher apenas instrumento de satisfação sexual (BOURDIEU, 1999 apud p. FERREIRA, 2023, p.202). Mel Duarte, uma das idealizadoras do Slam das Minas SP, em 2016, fala sobre esse tipo de violência nos seguintes versos: até quando teremos que suportar mãos querendo nos apalpar?/ Olha bem pra mim, eu pareço uma fruta?/ Aonde na minha cara tá estampado “me chupa”?/ O seu músculo enrijece quando eu digo NÃO. E NÃO é NÃO pra você!/ Que vá procurar outro lugar onde possa meter. Ou seja, é um processo que se constrói através da utilização legítima do corpo, principalmente de formas sexuais, e que se inclina a invisibilizar

tudo aquilo que caracteriza o feminino (BORDIEU, 1999 apud p. FERREIRA, 2023, p.202).

Assim como a poeta Verte, Andressa Ribas trata no Slam, por meio do poema a seguir, sobre a identidade da mulher periférica, mãe, que sofre com o machismo e a violência doméstica.

#### FILHA DE UMA LEOA

Quando o galo cantava  
 Ela acordava  
 Escolhia a calcinha menos furada  
 Pegava a condução lotada  
 Tomava o seu lugar na fábrica  
 Seu rosto de menina pouco importava  
 "a revista íntima é igual pra todas" - o patrão afirmava  
 Assistia aflita e calada  
 Dia após dia a sua dignidade sendo violada  
 Respirava fundo e aguentava  
 (...)  
 Seu pai via tudo isso com espanto e indignação  
 Não queria a filha na fábrica, nem na escola  
 Queria a filha bem-casada, a barriga encostada no fogão  
 No fundo, o pai tinha vergonha da filha  
 No fundo, a filha tinha orgulho da vergonha do pai  
 (..)  
 Ela só sabia que ao contrário da sua mãe não seria submissa  
 Cansada de chegar em casa cansada  
 E encontrar a sua mãe com a cara afundada  
 Toda lanhada  
 Escondida embaixo da escada  
 (...) (Slam das Minas, 2020, p.36)

Nos versos "revista íntima é igual pra todas - o patrão afirmava/ Assistia aflita e calada/ Dia após dia a sua dignidade sendo violada", Andressa Ribas traz as dificuldades do cotidiano da mulher periférica, mas principalmente os abusos vividos por ela no ambiente profissional.

Se de um lado, como mulher e profissional, o eu lírico vive a sexualização no trabalho, por outro lado ela convive, como filha e mulher, com um pai machista, que impõe a sua vontade de ver a filha como dona de casa, como podemos ver nos versos a seguir: Seu pai via tudo isso com espanto e indignação/ Não queria a filha na fábrica, nem na escola/ Queria a filha bem casada, a barriga encostada no fogão/ No fundo, o pai tinha vergonha da filha.

Por viver simultaneamente diversas identidades, as adversidades da vida da mulher favelada são muitas, como mostra Ribas nos versos a seguir, nos quais o eu lírico passa por situações de violência também por ver a mãe espancada pelo pai violento:

“Cansada de chegar em casa cansada/ E encontrar a sua mãe com a cara afundada/  
Toda lanhada/ Escondida embaixo da escada”.

Nos versos “Mas oh, vou falar/ Essa menina que o pai proibiu de estudar/ Hoje é uma rainha da porra toda/ Se formou na faculdade, é contadora”, Ribas dialoga com bell hooks (2019), quando diz que, embora muito se tenha conquistado por meio das lutas feministas, atualmente ainda se vive em “um sistema de dominação institucionalizado” (HOOKS, 2019, p. 32).

Mesmo assim, sabemos que as mulheres sempre foram capazes, apesar das dificuldades, de burlar esse sistema, que “nunca foi capaz de determinar de modo absoluto o destino das mulheres” (HOOKS, 2019, p. 32). Concordando com a poeta Fabiana Lima, nos versos “Vamos usar a nossa arma./ A nossa arma é a palavra.”, a atuação das mulheres participantes de Slams nada mais é do que uma forma de romper com as amarras criadas pelo patriarcado, uma vez que, através das competições, essas mulheres conquistam espaços de escuta.

A autora bell hooks reflete, assim como Verte e Ribas, sobre as demandas que atravessam o universo feminino. Entretanto, a escritora estadunidense vai além quando diz que uma revolução feminista não acabará com as opressões patriarcais sem que seja abolido também o racismo, o elitismo e o imperialismo (HOOKS, 2019), haja vista que não existirá o fim da dominação enquanto ainda existirem grupos de mulheres sendo exploradas (HOOKS, 2019). Para hooks (2019), o sexismo é composto por três fatores determinantes: discriminação, exploração e opressão. É importante ressaltar, ainda, que a referida autora tem como concepção de patriarcado a supremacia branca.

As reflexões de bell hooks nos levam a pensar sobre a importância de os espaços criados pelas competições de poesia falada serem espaços de escuta para todas as mulheres, o que torna o Slam um local onde existe a alteridade e são possíveis as discussões de demandas de diversas identidades femininas. No poema a seguir, Natália Pagot traz à tona sua identidade como mulher negra, colocando em pauta suas vivências dentro de um sistema não apenas machista, mas também racista.

SECULAR  
(...)  
e você nem olha no meu olho  
E quando olhou  
não me viu  
me subestimou  
(...)

E como querer não é poder  
 nunca te tive  
 tive só sonhos  
 ilusões  
 Você nunca foi real  
 real só a dor  
 a falta de amor  
 Próprio  
 Próprio de uma menina negra que não sabe o que é  
 Amor próprio  
 Só o que sabe é propriedade  
 sempre privada  
 privada de soltar o cabelo,  
 privada de soltar o verbo  
 privada para esfregar enquanto,  
 o cabelo, o verbo e o peito  
 seguem presos.  
 Privada de soltar as correntes  
 as algemas do último século  
 É secular  
 amar sem ser amada é secular  
 chorar e não poder cair as lágrimas é secular  
 desmoronar e se manter forte é secular  
 (...)

(Slam das Minas, 2020, p.37)

Quando falamos em feminismo, é necessário refletir sobre as diferentes demandas que perpassam a realidade das mulheres, não olhando para essas como um grupo homogêneo, mas levando em consideração suas diferentes subjetividades. Visto que existem diferentes grupos de mulheres que vivem diversas realidades sociais, as demandas e urgências femininas variam de acordo com os fatores de raça, classe e gênero (HOOKS, 2019). A poeta Yabo, no Slam das Minas RJ, em 2022, vai ao encontro da ideia apresentada por bell hooks ao dizer que “todo empoderamento é só coisa de momento, se não for pra atingir aquele que pertence à base.”

Em uma breve comparação entre os textos das poetisas Verte e Ribas com o poema da escritora Natália Pagot, descrito acima, podemos analisar as diferenças entre as urgências de mulheres brancas e negras. Desta maneira, percebemos “a importância de se ter um comprometimento com o combate unificado entre todas as formas de opressão” (HOOKS, 2019, p. 186-198). Neste sentido, bell hooks discute ao longo de toda sua obra os fatores de raça, gênero e classe como determinantes para a diferenciação entre as trajetórias de mulheres, considerando os contextos de falta de oportunidades e recursos; e as violências vividas desde a infância (AKOTIRENE, 2018).

A necessidade de se discutir as interseccionalidades surge da falta de discussões sobre as singularidades de diferentes grupos femininos, como mulheres negras,

pobres e iletradas (hooks, 2019). Por meio dessa perspectiva interseccional, identificam-se as violências sofridas por mulheres negras, através de um sistema estrutural construído pelo machismo e racismo, e de que forma essas violências abalam diretamente suas subjetividades (AKOTIRENE, 2018).

O poema “Secular”, de Natália Pagot, ilustra tais questões discutidas pelo feminismo negro. Pagot inicia o texto abordando o que aparentemente é um interlocutor amoroso, alguém com quem o eu lírico vive um envolvimento emocional, porém sem reciprocidade: “e você nem olha no meu olho/ E quando olhou/ não me viu/ me subestimou”. Para hooks (2019), o “amor” é uma ferramenta de descolonização, que atrai uma vida mais libertadora, que possibilita o alcance de um bem-estar emocional individual e comunitário. Entretanto, o lugar de intersecção ocupado pelas mulheres negras dificulta as relações amorosas heterossexuais. Diversos fatores encurralam a mulher negra nesse lugar, como por exemplo a sexualização do corpo preto, que historicamente sempre foi visto como fonte de prazer. A colonização se apossou do corpo da mulher negra como objeto sexual.

Para além da questão da hipersexualização, a sociedade tem como padrão normativo a estética da branquitude. Isso torna traços negros, como cabelos encaracolados ou crespos, lábios grossos, nariz achatado e pele retinta, marginalizados (KILOMBA, 2019): “Só o que sabe é propriedade/ sempre privada/ privada de soltar o cabelo,/ privada de soltar o verbo/ privada para esfregar enquanto,/ o cabelo, o verbo e o peito/ seguem presos”. Assim como Pagot, a poeta Sabrina Azevedo, participante do Slam das Minas RJ, fala sobre os traumas carregados pela mulher negra, por não ser aceita pela sociedade: Tu já ouviu a história da menina preta que cresceu evitando se olhar no espelho?(...)/ E eu sabia que pra eu ser aceita, eu tinha que ser desejada/ Então alisa o cabelo e maquiagem na cara/ Essa é a existência de mina preta favelada/ (...) E eu, gente, que cresci tentando ser branca. Uma das consequências dessa “normatividade branca” é o preterimento afetivo de mulheres negras (AKOTIRENE, 2018). Isso porque as escolhas amorosas acontecem de acordo com o tom de pele: quanto mais retinta, maior será a dificuldade de mulheres negras serem escolhidas para relacionamentos românticos.

Para as mulheres negras é negado o convite, o cuidado, o romantismo, o desejo, a escolha de se envolver em uma relação amorosa (hooks, 2019): “às mulheres negras não são associados signos de fragilidade e doçura. (Baker, 2005; Mclaughlin & Goulet, 1999; Carneiro, 2003)

Em contrapartida, a mulher negra é vista como hostil, raivosa, guerreira e forte. (Baker, 2005; Mclaughlin & Goulet, 1999; Carneiro, 2003). Ao encontro de tal ideia, Natália Pagot aborda, no trecho “chorar e não poder cair as lágrimas é secular/desmoronar e se manter forte é secular”, a romantização da força da mulher negra. Carol Dall Farras, poeta participante do Slam das Minas PE, também fala sobre, devido às circunstâncias, ter que se manter firme, mesmo levando uma vida sofrida: “Eu estou acostumada a não chorar/ Sem meio termo/ Eu estou acostumada com os picotes da vida/ Com a falta de amor, com a falta de afeto/ Desde menor, sempre sozinha.”

Segundo Ribeiro (2019), as dificuldades encaradas por pessoas pretas são romantizadas e naturalizadas. Entretanto, é importante entender que “o discurso que enfatiza a luta, a dedicação eterna para conquistar os objetivos é cruel porque para determinadas pessoas, a única opção é ser forte.”

As dificuldades enfrentadas por pessoas negras como conquistar um diploma ou passar em concurso público são, muitas vezes, romantizadas (RIBEIRO, 2019). No entanto, ainda que seja muito admirável que pessoas consigam vencer obstáculos, naturalizar essas violências e usá-las como exemplos que justifiquem estruturas desiguais, além de ser cruel, é também uma inversão de valores (RIBEIRO, 2019).

O sexo feminino ocupa diversas identidades e “vários papéis impostos pela sociedade e ainda têm sua humanidade negada, pois são consideradas heroínas incansáveis” (COELHO, 2020). Ou seja: “As mulheres precisam ser guerreiras, batalhadoras, mesmo quando estão exaustas. Isso quer dizer que elas não podem desistir, nem descansar” (COELHO, 2020).

### **3.2 A revelação das identidades através da quebra da máscara de Anastácia**

A Poesia Slam, desde os anos 90, quando representantes da cultura hip hop se inseriram no movimento, tem sido instrumento de luta contra o racismo. Aqui no Brasil, desde que as batalhas começaram, em 2008, o Slam se tornou uma das principais ferramentas antirracistas da cultura marginal periférica. É possível perceber facilmente que o público negro é maioria dentro das competições.

Embora em algumas competições de Slam a expressão da identidade negra se destaque, vale ressaltar que, mesmo nesses lugares, não há uma identidade singular (HALL, 2006), em nenhum evento é possível “alinhar todas as diferentes identidades com uma "identidade mestra" (HALL, 2006, p. 8). Outras identidades também são

afirmadas nos coletivos os quais descreverei a seguir. Entretanto, tenho como foco principal aqueles aspectos das identidades que surgem pertencimento a partir de culturas étnicas e questões raciais” (HALL, 2006), afirmações identitárias essas que são visivelmente muito fortes nessas organizações.

Cabe salientar também que nem todas as pessoas negras debatem no Slam sobre a identidade racial, visto que, segundo Hall (2006, p. 8), as identidades modernas estão sendo "descentradas", isto é, deslocadas ou fragmentadas. Ou seja, relativamente à pessoa negra, não podemos desconsiderar suas subjetividades e os seus diversos papéis na sociedade, limitando-as a uma única identidade: a de ser preta.

Mesmo assim, nas batalhas de poesia falada, a voz negra e periférica tem encontrado respaldo para suas denúncias e acolhimento para suas dores. Por este motivo, neste subcapítulo, serão apresentadas algumas das principais organizações do Brasil, que protestam principalmente a respeito de questões raciais.

## Slam da Onça

Bahia, outubro de 2014.

“[...] Já passou da hora de a gente se informar, de entender que ser malandro mesmo é estudar, deixar os racistas com raiva e se formar Esfregar o diploma na cara deles e gritar que a revolução não será com armas, será com papel, caneta e a favela toda graduada!” (Trecho do poema “Favela graduada de Sandro Sussuarana”)<sup>18</sup>

O Slam da Onça foi um dos primeiros coletivos atuantes em questões étnico-raciais. Tal manifestação foi iniciada por Sandro Sussuarana no estado da Bahia. Sussuarana é escritor, arte educador, produtor, produtor cultural e um dos idealizadores do projeto Sarau da Onça. O poeta e produtor cultural conta que começou a participar do Sarau Bem Black desde o seu início, em 2009, tornando-se, em 2010, apresentador do evento (GAMA, 2019). Em 2011, Sandro, unido a outros moradores da periferia de Salvador, criou o Sarau da Onça, primeiro sarau de periferia em Salvador, que passou a acontecer todos os sábados (GAMA, 2019).

Sandro, durante a roda de conversa na Flipelô, recordava que um dos motivadores à criação do Sarau na Sussuarana por moradores do bairro era a oportunidade de falarem por si mesmos – sobre si e sobre seu lugar. Em vista de uma notícia divulgada pela mídia, apontando Sussuarana como o 3º bairro mais violento da cidade, com 23 mortes em um fim de semana, eles se

revoltaram, pois, morando ali, eles não viam isso. E por que a mídia só falava nisso? (GAMA, p. 6, 2019).

O Sarau da Onça foi pensado e é protagonizado por jovens negras (os) de Sussuarana, bairro da periferia de Salvador-BA, e surgiu como um meio de fomentar outras formas de existir e resistir na comunidade por meio da força da palavra (GAMA, 2019). Além disso, o Sarau faz da poesia e de outras expressões artísticas método para ressocialização de crianças e jovens locais; e também, como protesto contra a violência, a desigualdade social, racial e o preconceito enfrentado por moradores de favelas (COUTINHO, 2014).

A gente sempre soube que a Sussuarana era um bairro de produção cultural muito forte, porque lá tem muitos grupos culturais, grupos de capoeira, de teatro, grupos de rap, grupos de dança, enfim, uma infinidade de grupos culturais na comunidade, de percussão e tudo mais, e a gente nunca via esses grupos culturais na mídia, nem no jornal, nem rádio, nem televisão, nem lugar nenhum. E todas as vezes que nós víamos a nossa comunidade passar na televisão, ou em qualquer jornal sempre foi falando da questão do tráfico, da morte, e tal. E a gente já não estava mais, a gente nunca esteve satisfeito, pra falar a verdade, mas a gente já não estava mais aceitando, né, vendo tanta qualidade de produção e não ser reconhecido. Então quando a gente criou o Sarau da Onça foi pra dar essa ênfase (...). E eu, por fazer teatro, por produzir hip-hop na Onça, por ser professor de capoeira, e outras pessoas, eu falei assim, gente, não é possível que a gente não possa fazer nada pra mudar isso, né, e aí foi depois já de eu ter conhecido o Sarau Bem Black, e eu já estar atuando dentro do Juventude Negra Pela Paz, já há 4 anos, que a gente pegou e falou, não, vamo' fazer, e a proposta foi essa do Sarau da Onça, de trazer esses grupos culturais, e falar assim, galera, vamos dialogar aqui de forma positiva sobre a nossa comunidade. Já que eles não vão vir falar sobre a nossa comunidade bem, a gente vai sair falando dela" (Trecho de entrevista – 30/06/2018). (GAMA, p. 6, 2019).

No Sarau da Onça também são promovidas rodas de conversa, oficinas de teatro, dança, criação literária, entre outras atividades culturais (GAMA, 2019).

(...) pra gente nunca foi interesse prioritário que a mídia viesse divulgar a gente, pra gente sempre foi interesse prioritário que a periferia se percebesse enquanto produtora de cultura, e de qualidade, né. E que pudesse entender que não necessariamente ela precisa sair da periferia para consumir cultura no centro. Mas que dentro da periferia ela além de consumir ela pode produzir. Então como nós conseguimos fazer com que as pessoas da periferia entendessem isso, não só da periferia de Sussuarana, mas das outras periferias da cidade, que começaram a entender que não necessariamente elas precisavam vir pro centro pra consumir, que elas poderiam produzir, acima de tudo, a gente conseguiu mudar. E aí as grandes vias começaram a vir atrás da gente porque esse público ele não estava mais acessando o centro, era o centro que estava acessando esse público, porque o público começou a dizer: 'Olha, eu também sei fazer poesia, eu também sei fazer teatro. Mas se você quiser me assistir, vai na minha quebrada, vai na minha comunidade'. Então essa mídia que ia, pra assistir, por exemplo, os atores de bandos de teatro, como bando de teatro Olodum que, a maioria mora na periferia, que precisava ir pro Vila Velha, começaram a produzir nas

suas comunidades. Então esses atores começaram a trazer essas mídias pra lá (Trecho de entrevista – 30/06/2018 – Ênfases dele) (GAMA, 2019, p.5).

A cultura dos Saraus foi fator extremamente importante para o início da Poesia Slam na Bahia! Quatro anos após a estreia do Sarau da Onça, em outubro de 2014, surge o Slam da Onça, que foi realizado no Anfiteatro Abdias Nascimento, no Centro Pastoral Afro Padre Heitor, no bairro Novo Horizonte.

Ilustração 29 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam da Onça



Fonte: Facebook (2014).

Neste dia, os vencedores foram premiados com camisas, bonés, shorts, livros e CDs de parceiros do projeto. Além de Sandro Sussuarana, também foram organizadores do 1º slam da Bahia Maiara Silva e Evanilson Alves, que, em 2017, produziu também o Slam Deixa Acontecer, na Sussuarana Velha; e o Slam da Case Feminina. A primeira fase do Sarau da Onça, antes do surgimento do slam, trouxe para os artistas da periferia de Salvador autoestima, e isso foi determinante para o nascimento de novos poetas na região.

[...] a quantidade de poetas, homens e mulheres, tinha aumentado, porque no começo do sarau não tinham tantos, eram pouquíssimos, na maioria de fora; quando nós percebemos que dentro da comunidade muitas pessoas tinham se percebido enquanto artistas, enquanto escritores, e que a gente começou a potencializar isso nós transformamos em Slam para dar um incentivo diferenciado pra questão da escrita e da leitura. Porque quando você escreve para você participar de um sarau, embora você escreva com uma certa qualidade, um certo engajamento, um profissionalismo, você escreve e vai lá apresentar seu trabalho pra que as pessoas conheçam, e o slam, por ser uma questão competitiva, tem um afinco muito maior da

preocupação na pesquisa, no estudo, no entender o que as palavras estão falando, na questão da interpretação, de como você quer que as pessoas sintam a poesia que você vai recitar, da dedicação que você tem em ensaiar ela, vários dias para você ir numa competição e você fazer bonito, porque sua poesia vai ser votada, vai ter uma nota pra ela [...]. Então a gente criou o slam pra isso, pra incentivar a escrita, né, profissional, mesmo, engajada, política, direcionada, e a leitura, mas com a interpretação do texto boa, com dedicação, com entendimento, e acima de tudo com profissionalismo (Trecho de entrevista – 30/06/2018). (GAMA, 2019, p.5)

Sandro diz, ainda, que o Slam desenvolve habilidades por meio do contato constante com o público, entre outras aptidões que se ampliam através do contato com a escrita (GAMA, 2019). A competição e as notas é o que menos importa. O mais significativo é falar e ser ouvido. O Slam é rasgo sobre as pupilas, chacoalha o corpo, e divide a gente entre o antes e o depois (Kuma França, entrevista).

Os meninos se auto-organizam pra estudar junto, escrever junto, fazer poesia nos coletivos junto, então isso é uma ramificação do Slam, uma ramificação do sarau, de potencialidade, de mostrar que eles são capazes de fazer, de escrever, de falar sobre as suas vivências, sobre suas dores e apresentar em outros espaços, e não ficar recluso somente ao sarau, ao Slam, porque não é uma coisa de você vem, apresenta no Slam e depois acaba. Existe uma continuidade porque eles entendem que assim como foi despertado neles dentro do Slam, eles precisam despertar em outras pessoas e isso é muito importante porque eles ajudam a gente que está nessa caminhada, né, nesse trabalho de formiguinha de tentar despertar o senso crítico de algumas pessoas, que conseguimos despertar o deles, e entenderam, e eles fazem com que outras pessoas entendam que assim como chegou neles pode chegar nessas outras pessoas, né, então o Slam ele deixa de ser uma competição pra ser uma celebração, de quantos poetas mais novos vão estar presentes na próxima edição, entende? Do menino que foi numa edição do Slam e viu o amigo, e no próximo ele quer competir junto com o amigo, não pra saber se é melhor ou se é pior, mas pra ele poder falar “Meu amigo, tamo junto. Você escreve, eu escrevo, e a gente pode fazer com que outras pessoas escrevam, e a gente pode mudar a vida de outras pessoas, pode dar uma perspectiva de vida diferente pra outras pessoas, seja através da poesia, ou seja através da arte em geral”. Como muita gente que já foi pro sarau, foi pro Slam e hoje faz dança. Ou faz música. Que pra gente é tão bom quanto, se eles estivessem recitando poesia, é ver eles dançando, que eles estão fazendo uma coisa que eles gostam de fazer e que eles se perceberam enquanto capazes, a partir, não só a partir do sarau, mas a partir dos amigos que eles viram lá no sarau (Trecho de entrevista – 30/06/2018). (GAMA, 2019, p. 185-186).

Para Kuma França, poeta e slammer de Salvador, a partir do Slam os poetas baianos conseguiram ter noção do que a poesia podia alcançar. O Slam representa possibilidades, conexões, conhecimento de histórias, lugares e movimentos.

A partir de poemas recitados no Slam da Onça, já foram publicadas três antologias, sendo elas: O diferencial da favela: poesias quebradas de quebrada (2014), O diferencial da favela: poesias e contos de quebrada (2017) e O diferencial da favela: dos contos às poesias de quebrada (2019).

Ilustração 30 - Imagem 1ª edição Slam da Onça



Fonte: Facebook (2014).

Nitidamente, a Poesia Slam carrega o poder de despertar comunidades a respeito das problemáticas relevantes acerca de suas vivências. O Slam, ao longo de sua trajetória pelas periferias do Brasil, se mostra um movimento poético e também político. Assim como o Slam da Onça possui essa capacidade problematizadora, o Slam Botocudos também surge com essa proposta de despertar consciências.

### Slam Botocudos

Espírito Santo, novembro de 2015.

(...) Ser preto é foda! Estamos prontos para o confronto, não é formação de quadrilha, é formação de Quilombo. Indo contra a falsa abolição, eu fiz rebelião e nesse navio negreiro eu trago revolução (...)  
(Poema recitado por Frollo, no Slam Botocudos)<sup>19</sup>

No início da década de 2010, aconteciam diversos eventos literários promovidos pelo coletivo Literatura Marginar/ES, na periferia do Espírito Santo. Tal coletivo era composto por um grupo de jovens periféricos da Grande Vitória, que frequentavam batalhas de rima e se reuniam todas as sextas-feiras para falar de literatura. Em 2015,

“eu nem sabia o que era literatura e os caras me fizeram entender que era o que eu fazia, e eu acabei me destacando muito nesse mundo (CONCEITO, 2023, entrevista).”

John começou a viajar para fazer apresentações de rap e incluía a literatura nesses shows. Viajou pelo Brasil inteiro e nessas viagens conheceu o movimento do slam. “Aí eu fale, pô, isso aqui deve ser legal! Tipo uma batalha de rima, mas é de poesia. Nem todo mundo consegue improvisar na hora, vou fazer isso aqui.”

Em novembro de 2015, aconteceu o primeiro Slam Botocudos, idealizado por Jhon Conceito, artista, rapper, poeta e produtor cultural capixaba, que ocorreu dentro do Sarau Quebrando Silêncio, na Praça Costa Pereira. “Nós mesmos organizamos, nós mesmos participamos, porque ninguém sabia o que era. Nem a gente mesmo sabia direito o que era. Eu vi mais ou menos como funcionava e fiz (CONCEITO, 2023, entrevista).”

Ilustração 31 - Imagem de divulgação 1ª edição Slam Botocudos



Fonte: Facebook (2015).

Após o primeiro ano de Slam Botocudos, Jhon Conceito conheceu Roberta Estrela Dalva, precursora do poetry slam no Brasil, que o convidou para participar do Slam BR. A partir de tal convite, Jhon Conceito criou a primeira competição estadual do Espírito Santo, o Slam ES, a fim de escolher um representante para participar da competição nacional.

O slam ES foi um grande sucesso desde o início, tendo como primeiro representante o poeta Cesar Mc. “O slam no ES acontece até hoje, virou um fenômeno no estado, sendo transmitido ao vivo pela TVE, é frequentado por um público totalmente diversificado, LGBTQIA+, mulheres (CONCEITO, 2023, entrevista).”

Ilustração 32 - 1ª edição Slam Botocudos



Fonte: Facebook (2015).

Embora sejam localizados em regiões totalmente diferentes, o Slam da Onça e o Slam Botocudos possuem em comum a utilização do espaço, em grande parte, para manifestação da identidade negra.

Historicamente, o sujeito negro é impedido de expressar aquilo que representa sua cor e cultura. Ao contrário do que boa parte da sociedade acredita, os povos negros resistem desde a época em que foram saqueados e escravizados. A história da

humanidade foi marcada por muito heróis negros, como cita Fabiana Lima no trecho de seu poema recitado no Slam da Onça, em 2020:

Vamos honrar o nome dos que lutaram.  
Eis eles: Malcom x, Dandara, Zumbi  
entre outros que estarão sempre vivos na nossa memória  
Não deixe morrer essas histórias. (Instagram, 2020).

Infelizmente, até hoje essa luta é necessária, uma vez que o racismo ainda vive nas estruturas da sociedade. O Slam, inegavelmente, desde que chegou ao Brasil, tem sido uma forte ferramenta de luta e resistência através da afirmação das identidades negras.

Como exemplo disso, veremos a seguir alguns fragmentos do poema de Fabiana Lima, poeta negra, baiana e atuante no Slam da Onça:

Fabiana Lima – slam da Onça  
O racismo, ele age sutilmente.  
...  
Mãe África. Vamos lá. Eu te ajudo a lutar.  
A lutar contra esses fascistas, racista, miseráveis.  
Vamos honrar o nome dos que lutaram.  
Eis eles: Malcom x, Dandara, Zumbi  
entre outros que estarão sempre vivos na nossa memória  
Não deixe morrer essas histórias.  
Porque eu sou a carne mais barata do mercado.  
Então os convoco para essa guerra não declarada.  
Vamos usar a nossa arma.  
A nossa arma é a palavra.  
E sim. Se for preciso pegaremos em armas  
Nossos irmãos morrem por nada  
Então dessa vez morreremos por uma causa  
Que a luta viva! (Instagram, 2020)

A poeta Fabiana inicia seu texto apontando para a sutileza com que o racismo age muitas vezes. Tal ideia vai ao encontro do que diz Silvio de Almeida:

O racismo moderno é diferente. Uma concepção mais viciosamente, sistemática de inferioridade intrínseca e natural. Que surgiu no Final do século XVII ou início do século 18 e culminou no século 19, quando adquiriu o reforço pseudocientífico de teorias biológicas de raça. E continuou a servir como apoio ideológico para a opressão colonial, mesmo depois da abolição da escravidão. (ALMEIDA, 2020, p.30)

Munanga (2020) explica essa questão nomeando o modelo de racismo do Brasil como não explícito. O autor compara a forma como o fenômeno ocorre no Brasil e em outros países, embora, para ele não exista racismo melhor ou pior. Conforme o antropólogo (2020), o racismo nos Estados Unidos era visível, e isso mostrava aos negros e

mestiços a necessidade de mobilização. Já no “racismo à brasileira”, é difícil identificar quem é racista:

Se você reclama por ser discriminado, o outro diz: “Não, meu irmão, você que é complexado. Eu não sou racista não.” E esse modelo prejudica a formação da consciência das vítimas e dos cidadãos brancos em relação ao racismo. Esse modelo eu chamo de crime perfeito. (MUNANGA, 2020)

No fragmento “Então os convoco para essa guerra não declarada.”, a poeta Fabiana Lima ainda circula em torno da discussão feita também por Silvio de Almeida (2020, p.33) ao dizer que, “a discriminação indireta é marcada pela ausência de intencionalidade explícita de discriminar pessoas.”

Kabengele Munanga (2020) explica, ainda, que o racismo no Brasil é um crime perfeito por, segundo ele, assassinar tanto o físico, quando a consciência, matando dessa forma duplamente. Além de assassinar também a consciência de pessoas não negras, tornando ainda mais difícil o debate e a luta contra o racismo no Brasil (MUNANGA, 2020).

Djamila Ribeiro (2020), ao discutir a fala de Munanga, diz que o Brasil é contraditório ao negar a existência do racismo e, ao mesmo tempo, manter a população negra em situação de vulnerabilidade extrema. Para a pensadora (RIBEIRO, 2020), o Brasil tenta forçar uma situação em que a convivência entre negros e brancos é cordial, mesmo sendo um país onde 7 milhões de mulheres negras são empregadas domésticas, confirmando uma relação direta com a escravidão (RIBEIRO, 2020). A poeta Realaleza, atuante no Slam das Minas RJ, reflete, em um de seus poemas, sobre a vida da mulher que trabalha como empregada doméstica para sustentar sozinha a família: “A mesma tecla todo dia/ Diária, diarista/ Em busca da conquista do pão pra sua filha.”<sup>20</sup>

A estratificação social é mais uma consequência do modelo de discriminação indireta, interferindo no percurso de vida de todos os membros de um grupo social, diminuindo, assim, as chances de ascensão social, reconhecimento e sustento material (ALMEIDA, 2020). Todas essas questões, a sociedade brasileira tenta justificar por meio do mito da democracia racial. Nós vivemos isso no debate sobre cotas, sobre políticas afirmativas (MUNANGA, 2020). Além de todas essas questões, o Brasil vive também o extermínio da população negra, sendo o quinto país do mundo em feminicídio, com um número altíssimo de assassinatos de mulheres negras (RIBEIRO, 2020).

O poema de Lima concorda com a ideia de Ribeiro nos fragmentos “Porque eu sou a carne mais barata do mercado./Nossos irmãos morrem por nada!”, além de reforçar o fato de que o racismo foi gerador de vários genocídios na história humana. Atualmente, a cada três jovens mortos pela violência das periferias, pelo menos dois são negros, tais estatísticas comprovam que esses crimes ainda permanecem (MUNANGA, 2020).

O poema de Luieasy, poeta atuante no Slam Botocudos também discute a cruel realidade vivida pela população negra:

Luieasy – Slam Botocudos  
 50 Cent sobreviveu depois de puxarem um gatilho né  
 Foi só mais um entre tantos atentados.  
 Mas pai de família não sobreviveu depois no carro mais de oitenta tiros disparados.  
 É que esse é o nosso Brasil, onde presidente dizer que racismo é coisa rara engana a população  
 Mas sabem o que é raro de verdade  
 Quando tem operação na favela, não ir mais um preto para o caixão  
 Marcos Vinícius, uma criança, que poderia estar brincando nesse instante sério mesmo que uma criança de uniforme saindo da escola foi confundida com traficante?  
 É que sempre confundem, né?  
 Um guarda-chuva é confundido com fuzil.  
 A era só mais um Neguinho da senzala.  
 Mas o guarda-chuva não salvou a vida dele. Quando ele recebeu uma chuva de bala. (Instagram, 2020)

Luieasy traz um texto que denuncia o cotidiano de pessoas negras, vivendo dentro de uma política de extermínio histórica. Sobre tal sistema, Almeida cita o que Mbembe chama de necropoder, um espaço onde a povo dominante possui o direito de matar, o qual não é controlado pela justiça. Nascimento compara, ainda, o genocídio de pessoas pretas com uma guerra (NASCIMENTO apud ALMEIDA, 2020, p. 120):

A triste realidade de terror colonial é que ele não se dá diante de uma ameaça concreta ou de uma guerra declarada. A guerra tem regras na guerra há limites. Mas e na ameaça da guerra? Qual o limite a ser observado em situações de emergência, E que sei que estou perto da guerra, e que meu inimigo está próximo? Não seria um dever atacar primeiro, para preservar a vida dos meus semelhantes e manter a paz? E nesse espaço de dúvida, paranoia, loucura, que um modelo colonial de terror se impõe. A iminência da guerra a emergência de um conflito e o estresse. Absoluto dão a tônica para o mundo contemporâneo, em que a vida é subjugada ao poder da morte. (ALMEIDA, 2020, p.134).

Embora o genocídio negro possua números iguais aos de uma guerra, para Nascimento (ALMEIDA, 2020), esta guerra contra os pretos se torna ainda mais

devastadora por ser uma guerra não declarada, não dando a chance de defesa aos negros com as mesmas armas que os “inimigos”

Essa luta totalmente desigual matou Evaldo Rosa dos Santos, que estava no carro com sua família quando levou 80 tiros, em 2019. Luieasy cita o fuzilamento do músico no trecho: “Mas pai de família não sobreviveu depois no carro mais de oitenta tiros disparados.”

Ser negro ou negra em uma sociedade como a nossa é viver constantemente sob estresse e medo de ser assassinado a qualquer momento “por engano”. Entre os anos de 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros aumentou em 23,1%. São números de uma guerra civil não declarada! (ARCOVERDE, 2022).

Em 2020, de acordo com o Instituto Sou da Paz, o índice de homicídios de homens negros no Brasil foi quase 4 vezes maior do que o de não negros. Os dados são recentes, entretanto a história do extermínio da população negra é antiga. Foi através do colonialismo que a humanidade aprendeu práticas como a seleção de raças, a esterilização forçada e o extermínio dos povos. (Almeida, 2020). O racismo é uma ideologia que hierarquiza a diversidade humana, relacionando inerentemente as diferenças biológicas às diferenças culturais, intelectuais, morais e de comportamento (MUNANGA, 2020).

“As antigas práticas coloniais deixaram resquícios” (Almeida, 2020, p.125) e atualmente a população negra e periférica ainda sofre com as violências perpetuadas pelo racismo. O texto de Luieasy aborda principalmente a brutalidade policial nas favelas:

Mas sabem o que é raro de verdade  
Quando tem operação na favela, não ir mais um preto para o caixão  
Marcos Vinícius, uma criança, que poderia estar brincando nesse instante  
sério mesmo que uma criança de uniforme saindo da escola foi confundida  
com traficante? (Instagram, 2020).

O Slam debate fatos que são normalizados pela grande mídia, como no trecho acima, em que Luieasy cita o caso de Marcus Vinícius da Silva, um menino de 14 anos, que morreu após ser baleado durante operação policial, em 2018, no Rio de Janeiro. Infelizmente, nós vivemos em “uma engrenagem social de dor e morte” (ALMEIDA, 202, p.124), que permite que policiais matem “por engano”, mesmo que tais erros encerrem vidas e afetem sempre o mesmo estereótipo: “É que sempre confundem, né?/ Um guarda-chuva é confundido com fuzil.”

Diz ainda Silvio de Almeida: “O estado, como balizador das relações de conflito, adapta-se a esta lógica em que a continuidade das formas essenciais da vida socioeconômica depende da morte e do encarceramento.” (ALMEIDA, 2020, p. 124). A neutralidade e “organização do poder” (ALMEIDA, 2020, p. 124) brasileiros mostram o quanto o racismo é um sistema bem articulado e forte, que promove um silêncio ensurdecido por parte da sociedade, que vê todos os dias, sem reagir com grandes manifestações, “um mundo em que a morte avança implacavelmente sobre a vida” (ALMEIDA, 2020, p. 124). A quietude da população diante do extermínio negro nos faz perceber o quanto o racismo articula a conformação, naturalizando a morte de crianças por balas perdidas, a aniquilação de milhares de jovens negros por ano, algo denunciado há tempos pelo movimento negro como genocídio (ALMEIDA, 2020). A poeta Kimani, campeã brasileira de Poesia Slam, em 2019, critica o genocídio da população negra no Brasil: “Sinhá, por que eu vejo os meus morrendo todo dia?/ Meu povo parece gado marcado, cordeiro imolado/ “Dai a Cesar o que é de Cesar” e eu cansei de perder a batalha sem nem ter entrado na guerra./ Aos preto a sua santíssima trindade, aos pretos A MORTE, A MARGEM OU A GRADE?”

Para Silvio de Almeida (2020, p.53), “o racismo é processo político. Político porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político. Caso contrário, seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros.” Tal estrutura permite que pessoas negras vivam em áreas inteiras sem saneamento básico, em um sistema educacional ou de saúde de extrema precariedade e que sejam submetidas a um cotidiano fortemente violento. (ALMEIDA, 2020). Comunidades inteiras vivem o “permanente pesadelo do desamparo e desesperança” (ALMEIDA, 2020, p. 124), são forçadas “à condição de viver para a morte, de conviver com o medo” (ALMEIDA, 2020, P 125), e normalmente sob a mira de um fuzil, necessitando pular corpos para se locomover (ALMEIDA, 2020).

A maioria das pessoas que participam de Slams são pretas e vivem em situação de vulnerabilidade. A poesia falada oportuniza a fala aos que historicamente foram calados. No movimento da Poesia Slam, o corpo e a voz são as únicas ferramentas do poeta; é através do corpo que a poesia toma forma e a performance acontece. Neste sentido, temos como protagonista a boca, órgão por onde a voz do poeta é emitida. Atualmente, é possível que, dentro de uma roda de slam, através da boca, pessoas pretas falem, protestem. Se necessário, gritem a respeito das demandas de

seus cotidianos, assim como fala Jamille Santos, representante do estado do Rio Grande do Sul no Slam BR:

Ele se assusto quando não deixei me interromper  
(...)  
Eu te assustei quando alterei minha voz junto com a sua  
(...)  
Te intimidei quando apontei o dedo e disse:  
Espera eu terminar  
Ao perceber que eu também sei gritar  
(...)  
Ele baixou a guarda, olhou pro chão e se obrigou a escutar  
Fi, quando a preta fala, cê escuta  
E cala a tua boca se tentar me deixar muda  
(...)<sup>21</sup>

Ilustração 33 - Slam da Onça



Fonte: Facebook (2020).

Ilustração 34 - Slam da Onça



Fonte: Facebook (2020).

Sobre a boca, Grada Kilomba (2019) reflete a respeito da opressão que a boca representa no contexto do racismo. Para a autora, a boca, órgão historicamente censurado, retrata aquilo que os brancos querem controlar nas pessoas pretas.

Kilomba (2019), ao discutir sobre a boca como ferramenta de dominação, lembra a máscara de Flandres, a qual Anastácia era obrigada a usar, “um instrumento real, que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de 300 anos” (KILOMBA, 2019, p. 33). O principal objetivo da máscara do silenciamento era efetivar um senso de mudez e de medo, uma vez que a boca era um meio de incomunicação e tortura (KILOMBA, 2019). A máscara alude a muitos questionamentos:

Por que deve a boca do sujeito negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calado? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? O que o sujeito branco teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que se o sujeito colonial falar, o colonizador terá de ouvir. Seria forçado a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do outro. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos (KILOMBA, 2019, p. 41).

No Slam, a máscara se quebra com a força da fala dos poetas; e através da denúncia contida em cada poema declamado, as identidades se revelam. A competição de Slam é um espaço onde a voz dos marginalizados têm poder, assim como diz Luz Ribeiro, em 2018, no Slam das Minas SP: “Nossa revolução surge e urge das nossas bocas/

Das falas ensinadas, que são aprendidas/ Muitas não compreendidas.<sup>22</sup> Assim, “a política sádica de conquista e dominação” (KILOMBA, 2019, p. 33) dá lugar à escuta. Desde a colonização, “a boca também é uma metáfora para a posse” (KILOMBA, 2019, p. 34), entretanto, na Poesia Slam, a boca é instrumento de emancipação e manifesto.

## CONCLUSÃO

Pode-se dizer que concluir é chegar ao fim? Dizer que chegamos ao fim de uma pesquisa sobre a Poesia Slam é um equívoco. Ao final deste ciclo de dois anos de estudos e buscas acerca desse tema, chegamos à conclusão de que não é possível terminar. É impossível finalizar uma reflexão sobre um movimento que está apenas começando no Brasil.

É importante ressaltar que esta pesquisa não tem resultados precisos e definidos pelo simples fato de ser um estudo embasado em teorias que sofrem transformações constantemente, assim como o próprio Slam.

Cabe salientar, ainda, que este estudo não dá conta de todos os possíveis olhares a respeito da afirmação das identidades dentro das competições de poesia falada e das diversas análises viáveis acerca dos poemas inclusos no trabalho. Infelizmente foi possível abarcar apenas discussões sobre as identidades negra e feminina, mas há possibilidade de análise de outras inúmeras expressões identitárias na Poesia Slam. E justamente essas lacunas existentes aqui oportunizam a continuidade desta pesquisa, pelo viés das identidades LGBTQIA+, a respeito dos estereótipos, das nacionalidades, de pessoas portadoras de deficiência física, entre outras. Que este estudo abra novas perspectivas de estudos!

Foi impossível manter-me na neutralidade durante a escrita deste trabalho, porque não sou apenas pesquisadora, não atuo como mera narradora observadora. Faço parte, embora a cena do Slam faça mais parte de mim do que eu dela. Infelizmente, ainda não consegui agradecê-la de forma justa pela transformação que realizou em minha vida. Se hoje eu tenho autoestima intelectual, é por causa do Slam.

A academia mais conservadora solicita que se utilize uma linguagem padrão em uma dissertação, que a escrita da pesquisa seja fria, formal. No entanto, se a minha intenção realmente fosse seguir os moldes acadêmicos, eu tomaria outros rumos nesta pesquisa. Seria uma total contradição seguir fielmente as regras da academia, dissertando sobre um movimento que surgiu justamente para contrariá-las. Por isso, na finalização deste trabalho, meus últimos momentos exercendo a identidade de pesquisadora, dispensarei ainda mais os preceitos acadêmicos e deixarei aqui a emoção falar.

Ao aprofundar conhecimentos a respeito da identidade e alteridade no Slam, as minhas próprias identidades foram atravessando esta pesquisa. Vivo na prática o que diz Stuart Hall. Nestes dois anos de estudos, fragmentada em funções como as de mãe, filha, tia, professora, pesquisadora, dona de casa, mulher preta e periférica, minhas identidades se entrecruzaram, atropelaram-se umas às outras, tornando este momento mais conturbado do que deveria ser. E hoje vivo com muita emoção estes momentos finais, refletindo também sobre a minha vida atrelada a tudo o que aprendi com o Slam, com Simone de Beauvoir, Grada Kilomba, Stuart Hall, e outros pensadores incríveis. Faço desta finalização também a escrevivência que li em Conceição Evaristo.

E muito embora não tenha sido fácil mais uma vez viver as identidades de mulher preta e periférica no espaço de branquitude que é a universidade, analiso esta caminhada como transgressora. Ocupei todos os espaços oportunizados durante essa trajetória, rompi alguns bloqueios que foram construídos, dentro de mim, pelo racismo.

Quebrei também alguns obstáculos dentro da universidade, levando a Poesia Slam para o interior dela, com o evento que organizei em parceria com minha colega, Loecy Damásio, através do PUCRS Cultura. O primeiro Slam em universidade no Rio Grande do Sul teve duas edições em 2022, aconteceu no Ateliê PUCRS Cultura e teve participação de slammer importantes na cena do movimento em Porto Alegre, como Rainha Ju, Josu, DKG, Poeta de Cartel, Bre da Poesia, entre outros.

É importante destacar que o evento “Poetry Slam” foi construído por pessoas pretas, periféricas, ecoando vozes de pessoas que vivem a realidade das margens, porque, como diz Emicida, “tudo que nós tem é nós”. Foi isso que eu busquei ao começar esta pesquisa, que a cultura periférica ocupasse esse lugar, que as nossas demandas fossem ouvidas por quem não vive essa realidade, por quem não atravessa tiroteio para chegar em casa, para que a boca deixasse de ser instrumento de submissão e se tornasse ferramenta de denúncia dentro do espaço universitário, um lugar que infelizmente não foi construído para nós, mas que, entretanto, chegando ao fim desta caminhada, sinto que também é de nosso direito pertencer a esse espaço.

Assim, através dos movimentos e dos poemas aqui analisados, concluo que a Poesia Slam funciona fortemente como instrumento de expressão identitária no que se refere aos atravessamentos de gênero, raça e classe, servindo também como

ferramenta de denúncia acerca das demandas da realidade desses grupo; e, ainda, de fomento ao empoderamento e à autoestima dessas pessoas.

Ilustração 35 - Poetry Slam



Fonte: Instagram (2022).

## REFERÊNCIAS

ALCALDE, Emerson. **Nos Corre da Poesia**: autobiografia de um slammer. São Paulo: Ed. do autor, 2022.

BORGES, Livingston. Entrevista sobre o Slam do Prado, via e-mail, Tamires Tuchtenhagem. Jan./2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALVES, Lella. Entrevista sobre o Slam das Minas/RS, via e-mail, Tamires Tuchtenhagem, Jan./2023.

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019. 150 p.

SANTOS, Boa Ventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997. 348 p.

ARCOVERDE, Leo. Taxa de homicídio de homens negros no Brasil é quase 4 vezes maior do que a de não negros, aponta estudo. 19/11/2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/11/19/taxa-de-homicidio-de-homens-negros-no-brasil-e-quase-4-vezes-maior-do-que-a-de-nao-negros-aponta-estudo.ghtml>>. Acesso em: 07/05/2023.

BATALHA DO PRADO. MARLEY – SLAM | BAILE DO PRADO 5 ANOS (40º SLAM DO PRADO). 20/11/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R3cjEoXFxMU>>. Acesso em: 03/08/2023.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre (1999). **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BORDINI, Maria da Gloria. Estudos culturais e estudos literários. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, RS, v. 41, n. 3, p. 11-22, set. 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/610/441>. Acesso em: 27 jul. 2021.

CARNEIRO, Sueli (2005). **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese (doutorado) em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, pg 96-110.

CIA GENTE. Tagarela, o filme. 03/08/2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zSwJx8fQzfc&t=1s>>. Acesso em: 12/01/2023.

COELHO, Layane Moises. Dizer que sou guerreira é romantizar o meu cansaço. 29/06/2020. Disponível em: <<https://agenciajovem.org/dizer-que-sou-guerreira-e-romantizar-o-meu-cansaco/>>. Acesso em: 26/06/2023.

COSTA, Vicente. Slam Poetry no Rio de Janeiro. 24/07/2020. Disponível em: <<https://www.sescrrio.org.br/noticias/cultura/slam-poetry-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 15/06/2023.

CRUZ, Brenda Evangelho da. A voz empodera: um estudo de campo sobre o Slam das Minas-POA. 2019.

COTINHO, Genilson. Batalha de poesia: Jovens do bairro de Sussurana promovem Sarau de poesia. 07/10/2014. Disponível em: <<http://www.doistercos.com.br/batalha-de-poesia-jovens-do-bairro-de-sussurana-promovem-sarau-de-poesia/>>. Acesso em: 24/09/2022.

DA GAMA, Danielle M. H. L. Rimando versos, tecendo encontros – batalhas de poesia em Salvador/Bahia. Criação & Crítica, n. 28, p., dez. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.

D'ALVA, Roberta Estrela. Nação | TVE – Slam de Poesia, 28/7/17. Youtube, 28 jul. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/NaçãoSlam>. Acesso em: 20 out. 2017.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop**: a performance poética do ator-MC. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2014.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça**: o poetry slam entra em cena. Synergies Brésil, n. 9, p. 119-126, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. Deslocamento no vazio: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. Dossiê Literatura Contemporânea em Perspectiva. n. 9. 2002.

DIAS, Raissa de Araújo. Slam Resistência e as Microterritorializações Urbanas. São Paulo, 2018. Mestrado em arquitetura e Urbanismo. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <<https://adelphia-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/6bdc3cbe-ae58-435b-9afb-77ccae7a9021/content>>. Acesso em: 10/07/2023.

F, MILENA. Slam das Minas - Seja Heroína, Seja Marginal. 10/12/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xNWBpKcsY4w>. Acesso em: 10/07/2021.

FAPESP, ed. 87. São Paulo, maio de 2003.

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2020.

FREITAS, Douglas Oliveira de. O silêncio é uma prece: comunicação e a escuta do homem branco heterossexual no slam. 2017. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

GAMA, D.M.H.L.; PENTEADO JÚNIOR, W.R. | Batalhas de poesia em Salvador-BA: Artivismos entre a voz e o papel

GUERRA, Carlos. Entrevista sobre o Slam Mossoró, via e-mail, Tamires Tuchtenhagem, Jan./2023.

GUNUTZMANN, Pricila. Espaço de Existência: identidade, poesia, e emancipação em um sarau periférico. São Paulo, 2017. Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SILVEIRA, Jacira Cabral da Silveira. Periferia como demarcação existencial. Porto Alegre, 6/08/2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/periferia-como-demarcacao-existencial/>>. Acesso em: 29/07/2023.

SLAM BOTOCUDOS. Slam Botocudos - Frollo (Ser Preto é Foda). 05/09/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fknRvx0gF-Y>>. Acesso em: 18/08/2023.

SLAM DA GUILHERMINA. A Massa, Emerson Alcalde - FILME GRIOT (legenda em espanhol). 03/08/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cfObCZ8HSTw>>. Acesso em: 27/05/2023.

SLAM DA GUILHERMINA. Parado no Bailão - Beká - Final Slam da Guilhermina (campeão). 03/08/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8-miTUhV7-g>>. Acesso em: 15/04/2023.

SLAM DÉF. Slam DéF - Mar2020 - Kaninez II. 05/03/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tUp63UpTZKg>>. Acesso em: 13/07/2023.

SLAM DO ZAP. ZAP! ZONA AUTÔNOMA DA PALAVRA - UM SLAM BRASILEIRO [Núcleo Bartolomeu de Depoimentos]. Disponível em: <<https://youtu.be/qKZOohAwxEk>>. Acesso em: 30/07/2023.

SLAM MOSSORÓ. Slam Mossoró - Classificatória para o Slam Viral 2020. 15/05/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6mqsbaw51ll>>. Acesso em: 02/04/2023.

SLAM TAGARELA. Tagarela, o filme. 10/10/2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zSwJx8fQzfc>> Acesso em: 29/07/2023.

SLAM RESISTÊNCIA. EMILY JESSICA – SLAM RESISTÊNCIA – EDIÇÃO DE MILHÕES – 03/10/2022. 03/10/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i6qHAjnYvV8&t=3s>>. Acesso em: 13/06/2023.

SLAM RESISTÊNCIA. Slam Resistência - Documentário - Ágora do Agora. 13/10/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9xvcLSj-ICo>>. Acesso em: 19/04/2023.

SUSUARANA, SANDRO. Favela Graduada - Sandro Sussuarana. 03/11/2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fJ8ia22i61M>>. Acesso em: 10/02/2023.

UNDERGROUND LUSÓFONO. Slam Mossoró - Classificatória para o Slam Viral. 04/05/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6mqsbaw51II&t=16s>>. Acesso em: 23/02/2023.

Volmer, L., Souza, S. da S., & Conte, D. (2020). Slam: poesia e performance de resistência: poetry and endurance performance. *Revista Desenredo*, 16(1). Recuperado de <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/10348>

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. (1983). Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec; EDUC, 1997.

